

UMA EXPERIÊNCIA DE DRAMATIZAÇÃO COM
ALUNOS DE ENFERMAGEM



SILVÉRIA FERREIRA GOULART

*Tese submetida ao corpo docente da Escola de Enfermagem Ana Neri
pelo Curso de Pós-Graduação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte
dos requisitos necessários a obtenção do Grau de Mestre.*

Aprovada por:

Prof. Rita de Cássia
Presidente da Banca

Prof. Riva Roitman

Prof. Maria Delores Lima de Lencastre

GOULART, SILVÉRIA FERREIRA.

Uma experiência de dramatização com alunos de enfermagem. Rio de Janeiro, UFRJ. Escola de Enfermagem Ana Néri, 1979.

xii – 109 pp.

Tese: Mestre em enfermagem (Enfermagem Psiquiátrica).

1. Dramatização. 2. Relacionamento Interpessoal. 3. Ajustamento Escolar. 4. Teses.

I. Universidade Federal do Rio de Janeiro, EEAN.

II. Título.

*“Vemos as pessoas diferentes depois de cada
experiência. Conhecemos os outros melhor
e nos sentimos mais amigos”.*

.Extraído do Relatório do 3º Encontro

*A Ruy que com sua
presença e confiança
valorizou este trabalho.*

AGRADECIMENTO
Aos alunos
pela inestimável colaboração

*A todos os meus amigos
pela ajuda direta ou indireta que me proporcionaram*

Orientadora:
Teresa de Jesus Sena

RESUMO

Este é um trabalho de natureza experimental. Em sua realização utilizou-se dramatizações com um grupo de alunos de enfermagem durante seis semanas. Pretendeu-se com esta abordagem, verificar que dificuldades eram vivenciadas pelos alunos no início do ciclo profissional. A melhora no seu relacionamento interpessoal com colegas, professores e escola, bem como em suas perspectivas quanto à futura profissão, eram esperadas ao final da experiência.

Nos resultados, as limitações verificadas foram quanto ao reduzido número de encontros e a não extensão da experiência a todos os alunos da turma. E, embora as hipóteses traçadas tenham sido rejeitadas, a utilização de dramatizações, em situações semelhantes às descritas neste trabalho, está amplamente indicada, desde que vencidas as limitações deste estudo.

SUMMARY

This is an experimental work. In its accomplishment a group of students were used to dramatize nursing during six weeks. In this approach we intended to verify what difficulties were lived by the students at the beginning of the professional cycle. The best of relationship in their personal contact with colleagues, teachers and school, good as in their perspectives of the profession in the future was expected to happen at the end of the experience. The limits of the results concerned the small number of meetings and the fact that the experience had not been extended to all the students of the group. And, although the initial hypothesis had been rejected, the utilization of dramas, in similar situations as written in this work, is amply indicated, since limitations inside this study were overcome.

ÍNDICE

CAPÍTULO 1

Introdução – Breves Considerações	01
1.1 – Importância do estudo	02
1.2 – Objetivos do estudo	05
1.3 – Hipóteses	06
1.4 – Definição de termos	06
1.5 – Delimitação do estudo	08
1.6 – Organização do estudo	08

CAPÍTULO II

Revisão da literatura

2.1 – Histórico da dramatização	11
2.2 – Psicodrama – O uso terapêutico da dramatização	13
2.3 – Arte dramática na educação	14
2.4 – Estudos e/ou pesquisas de enfermagem em que se utilizou a dramatização	18

CAPÍTULO III

Metodologia

3.1 – Tipo de estudo	22
3.2 – População e amostra	22
3.3 – Instrumentos e coleta de dados	22
3.4 – Tratamento estatístico	23
3.5 – Tratamento experimental	23
3.6 – Limitações do estudo	23

CAPÍTULO IV

Resultados

4.1 – Descrição do tratamento experimental	26
4.2 – Caracterização dos sujeitos do grupo experimental e de controle	28
4.3 – Caracterização da experiência com dramatização	34
4.4 – Percepção dos participantes sobre o relacionamento interpessoal e suas perspectivas quanto a profissão de enfermeiro	37
4.5 – Avaliação da abordagem dramática pelo grupo experimental	47
Discussão	53

CAPÍTULO V

Conclusões	60
Sugestões	62

ANEXOS

I – Formulário de seleção de amostra	64
II – Questionário de pré e pós-teste	67
III – Avaliação da experiência com dramatização	72
IV – Percentual de avaliação da experiência com dramatização vivenciada por um grupo de alunos de enfermagem no início do ciclo profissionalizante	75

V – Quadro comparativo dos resultados da experiência com dramatização vivenciada por alunos de enfermagem no início do ciclo profissionalizante 76

VI – Relatórios dos encontros da experiência com dramatização 77

Referências Bibliográficas 107

INTRODUÇÃO - BREVES CONSIDERAÇÕES

A relação professor-aluno tornou-se em decorrência da massificação do ensino, uma relação fria, impessoal e distante. O professor não tem conseguido mais estabelecer com os alunos uma relação mais aproximada, que permita transmitir, além de conhecimentos, o modelo pessoal que favoreceria a incorporação dos papéis profissionais que estes serão chamados a desempenhar. A transformação sofrida por esta relação provocou uma crise na função magistral, profundamente sentida pelos alunos e pela opinião pública. Contestados por suas atitudes, intimados a modificar, acusados de tecnocratas e demagogos, os professores refugiam-se, no conservadorismo puramente defensivo.^{1 2}

O material áudio-visual e as técnicas de grupo, nem sempre convenientemente utilizadas, foram adotados para resolver os problemas imediatos da superpopulação de estudantes, modificando sobremaneira a relação pedagógica. Todavia, fora das escolas os jovens encontram múltiplas ocasiões de aprender e se informar pelo cinema, rádio, televisão, materiais impressos e outras fontes culturais, sem a mediação do professor. Assim, muitos mestres são interrogados pela outra face da relação professor/aluno, a face pessoal, ausente no processo ensino/aprendizagem, à medida que a primeira já lhes é fartamente oferecida fora das escolas.^{17, 30, 12}

A necessidade de comunicação e cooperação é fortemente sentida pelos jovens, devendo sua utilização ser encorajada nas escolas, objetivando a transmissão de conhecimentos e atitudes sociais.

O professor que não aceitou o desafio imposto pelas mudanças sociais refletidas na massificação do ensino, e tenta manter um ritmo de trabalho semelhante ao desenvolvido em tempos passados, quando esta necessidade não se fazia, sofreu, sem o per-

ceber, uma defasagem na qualidade do seu trabalho. Defasagem que se faz sentir no ambiente emocional reinante nas escolas e na qualidade do profissional lançado no mercado.

A despeito dessas dificuldades ocorrerem com bastante freqüência, muito pouco tem sido feito pelas escolas de enfermagem, segundo revela a literatura, para abordar de forma efetiva o problema.¹⁶

1.1 - IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

As dificuldades de adaptação vividas pelo aluno de enfermagem, no início do ciclo profissionalizante, é assunto já bastante discutido mas, muitas vezes, de forma superficial, apresentando conclusões nem sempre convincentes.

MEIRELES & CARVALHO (1977) atribuem estas dificuldades às características "*negativistas*" da personalidade do aluno e à resistência que este apresenta ante a "*aceitação de certas normas, princípios e procedimentos que a profissão impõe e as escolas de enfermagem desde o início procuram incutir*".²¹

LEITE (1971) aponta, entre outras, as causas inerentes ao exercício de algumas práticas profissionais, a realização de trabalhos humilhantes e de baixo prestígio social. Os alunos queixam-se ainda, afirma o autor supra-citado, de que os horários escolares são compactos e planejados de forma a ficarem completamente tomados por aulas teóricas e experiências clínicas. Há rigidez na exigência do cumprimento desta programação e concentração de matérias e estágios práticos, impedindo-os de se dedicarem a atividades em outros setores de grande importância na vida do jovem, tais como programas sociais e recreativos. Ao mesmo tempo que as queixas dos alunos evidenciam a concentração, extensão e rigidez no cumprimento do programa escolar, as reclamações continuam,

desta feita afirmando serem os conhecimentos *"ministrados através de informações telegráficas, com escassez de tempo para aprofundar-se nos assuntos"*.¹⁶

Esta contradição leva a um questionamento que parece fundamental: se todo tempo do aluno é tomado por atividades escolares e os conhecimentos ministrados são considerados superficiais, o que estará sendo veiculado nestas aulas?

Talvez a resposta a esta pergunta possa ser deduzida da seguinte afirmação feita por CARVALHO (1973) *"o que interessa no momento é o aspecto do desenvolvimento das chamadas atitudes profissionais nos estudantes de enfermagem; é a preservação dos valores essenciais de uma profissão tradicionalmente voltada para o bem comum, cujo exercício baseia-se no amor ao próximo, na caridade ou sensibilidade pelos problemas dos pacientes, no interesse e na compreensão do ser humano; é a preservação da imagem que o público faz da enfermeira, em seus aspectos positivos de profissional competente, humana, compreensiva, discreta, digna de confiança, pessoa de aparência suave, imaculadamente limpa e bem vestida, sempre pronta a servir e consolar"*.¹⁰

Tal afirmação parece refletir intensa preocupação em estabelecer vínculos com uma tradição que, todos sabem, também espera que a enfermeira seja: *"feminina, sensível, cordial, elegante no vestir"*.⁹ Há ainda a expectativa de que seja uma *"pessoa meiga, carinhosa, paciente, piedosa, abnegada, caridosa e que exerça um trabalho missionário de religiosos, heróico e de sacrifício e, sobretudo, que seja submissa e obediente aos médicos"*.^{16,32}

Da literatura levantada, ficou evidenciado um movimento, por parte dos estabelecimentos de ensino de enfermagem, no sentido de veicular através das aulas teóricas e práticas nos campos clínicos, situações que objetivavam adaptar, adequar e desenvolver co-

mo lembra CARVALHO (1973), "*qualidade imponderáveis que devem adornar a personalidade da enfermeira*".¹⁰

Se o que importa sobretudo num curso de enfermagem é preservar a tradição, pode-se deduzir em que são gastas as horas deste curso e, também, porque os alunos sentem "*desconforto e frustração*", quando iniciam o ciclo profissionalizante.¹⁶

BARROS (1971) adverte que "*a enfermagem no Brasil deverá, ao nível profissional, desenvolver suas potencialidades, isto é, atuar como verdadeiramente responsável pelo cuidado integral do paciente e não apenas por tarefas delegadas num papel*".²

É provável que as expectativas dos alunos, ao ingressarem nas escolas de enfermagem, reflitam perspectiva profissional, se não igual, pelo menos semelhante a esta. Resta saber se os programas oferecidos pelas escolas estão preparados ou interessados em desenvolver estas características nos alunos. O desenvolvimento de potencialidades e de capacidade de atuar responsavelmente requer por parte do professor e do aluno, envolvidos no processo ensino-aprendizagem, algo mais que cultivar a tradição. Exige a capacidade e a possibilidade do exercício da reflexão, da análise crítica de ambas as partes, da independência e da criatividade.

O ensino de campo que é freqüentemente utilizado nos cursos de enfermagem, segundo CARVALHO (1972), deve ser "*instrumento eficiente na modificação de hábitos, na criação e no desenvolvimento de atitudes adequadas*"... "*é o elemento indispensável no sistema de formação de enfermeiras*".⁹

Novamente aqui, pode-se notar a disposição de modelar o aluno a "*atitudes adequadas*", que isoladamente não respondem a critérios profissionais específicos, mas a critérios morais, igualmente baseados na tradição. Em nenhum momento a criatividade, a reflexão e a inovação são lembrados como aspectos importantes a serem tam-

bem desenvolvidos e estimulados.

A sociedade está exigindo uma definição dos profissionais de enfermagem frente à responsabilidade do cuidado do paciente. Todavia, este profissional só será capaz de agir responsavelmente se estiver apto a assumir um compromisso. FREIRE (1976) adverte que *"o compromisso será uma palavra oca, uma abstração se não envolver a decisão lúcida e profunda de quem o assume."*¹³

As escolas de enfermagem, se quiserem fazer surgir nos seus alunos atitudes maduras, responsáveis, criativas e comprometidas, necessitam criar espaços para o diálogo e a reflexão crítica, pois só o exercício da reflexão sobre si, sobre o estar-no-mundo, associado à ação sobre o mundo permitirá ao indivíduo criar e transformar o ambiente em que vive.¹³

O contato mantido com alunos de enfermagem no início do ciclo profissionalizante, através da disciplina Estratégias de Saúde Mental, aguçou o interesse em estabelecer maior aproximação com os mesmos. A partir da análise da literatura e da observação empírica concluiu-se pela necessidade de investigar estratégias que permitissem criar espaços para que estes alunos pudessem livremente discutir suas dúvidas e refletir em grupo sobre suas vivências comuns.

Considerando os aspectos acima abordados, pode-se concluir da importância do estudo ora proposto - Uma experiência de dramatização com alunos de enfermagem.

1.2 - Objetivos do estudo

O presente estudo se propõe aos seguintes objetivos:

- 1) Identificar que dificuldades são vivenciadas pelo estudante de enfermagem ao ingressar no ciclo profissional.

- 2) Verificar se o emprego de dramatização com alunos de enfermagem, em situações de grupo, no início do ciclo profissional contribui para melhorar o seu relacionamento com colegas, professores e escola.
- 3) Verificar se a utilização das dramatizações em situação de grupo contribui para melhorar as perspectivas dos alunos de enfermagem que iniciam o ciclo profissional, quanto à sua futura profissão.

1.3 - Hipóteses

H_1 - Reuniões de grupo, no início do ciclo profissional, utilizando dramatizações, contribuem para melhorar o relacionamento dos alunos de enfermagem com colegas, professores e escola.

H_{01} - Reuniões de grupo, no início do ciclo profissional, utilizando dramatizações, não contribuem para melhorar o relacionamento dos alunos de enfermagem com colegas, professores e escola.

H_2 - Reuniões de grupo com utilização de dramatizações contribuem para melhorar a perspectiva dos alunos de enfermagem que iniciam o ciclo profissional quanto à sua futura profissão.

H_{02} - Reuniões de grupo com utilização de dramatizações não contribuem para melhorar a perspectiva dos alunos de enfermagem que iniciam o ciclo profissional quanto à sua futura profissão.

1.4 - Definição de termos

Aceitação do outro: Usado para designar atitudes comportamentais dos participantes que demonstravam acolhimento, receptividades para com as opiniões e a pessoa dos colegas.

Aquecimento: Primeira etapa de cada encontro de experiência com dramatização, quando foram utilizadas técnicas que vi-

savam desinibir, fazer surgir a espontaneidade, estabelecer a confiança mútua e estimular os participantes do grupo a se colocarem nas discussões e dramatizações.

A parte: Durante a cena, o ator vira a cabeça para o lado e expressa, em voz alta, o que está pensando sobre a cena, sobre si e que não é verbalizado na representação.

Avaliação: Foi, neste estudo, utilizado com dois sentidos. Primeiro, como nome dado à última etapa dos encontros da experiência com dramatização. Segundo, no sentido de apreciação empregado na determinação da valia da experiência pesquisada através do questionário de avaliação. (ANEXO III)

Conflito de posições: Posições antagônicas e críticas, hostilidade entre os participantes, agressões mútuas.

Descontração: Informalidade, desenvoltura, espontaneidade.

Duplo: Técnica dramática, na qual duas pessoas diferentes, A e B tornam-se a mesma pessoa pela identificação feita. Sendo A o protagonista e sentindo-se, por alguma razão, impossibilitado de representar o seu papel, B, seu duplo, vive dramaticamente suas experiências e sentimentos em cena. O duplo deve procurar ser o mais fiel possível ao Eu original, o protagonista, na postura, nos gestos, na tensão muscular no ritmo respiratório, na maneira de falar, repetindo-o, imitando-o.

Individualismo: Atitudes egocêntricas, exibicionistas, monólogos.

Integração: Cooperação, movimentos conciliatórios, sensibilidade às opiniões emitidas pelos colegas, apoio aos participantes em dificuldade, simpatia mútua, confiança na capacidade dos demais.

Inversão de papéis: Técnica dramática na qual entre A e B esta-

belece-se uma troca durante a ação: A torna-se B e B torna-se A. Nesta troca de papéis, cada ator tenta ser o outro, encarná-lo, penetrar em suas atitudes pessoais, nos seus sentimentos, em sua maneira de ser.

Interesse na experiência: Frequência integral aos encontros, pontualidade, manifestações, por gesto ou fala, do interesse nas atividades desenvolvidas.

Participação: O participante espontaneamente atua nas cenas, propõe situações de discussão ou encenação, sugere alternativas ou modificações nas cenas propostas, discute as dificuldades.

Solidariedade: Cordialidade, amizade, aprofundamento das relações interpessoais.

Solilóquio: Após a representação, o ator - qualquer um deles ou todos - refletem, cada um à sua vez, em voz alta, os sentimentos e emoções experimentados durante a encenação, sobre os quais não falou ou expressou. Pode monologar ou ter ajuda de um duplo ao seu lado, tocando-o, falando com ele ou por ele.

1.5 - Delimitação do estudo

O presente trabalho foi desenvolvido em uma Escola de Enfermagem, pertencente a uma universidade federal da região sudeste do país, com alunos que estavam iniciando o ciclo profissionalizante e que se declararam interessados em participar da experiência de dramatização.

1.6 - Organização do estudo

O Capítulo II trata da Revisão da Literatura, constituindo-se esta de um estudo sucinto do Histórico da Dramatização,

Psicodrama - O uso terapêutico da dramatização, Arte Dramática na Educação, Estudos e/ou pesquisas de Enfermagem em que se utilizou a Dramatização.

O Capítulo III apresenta a metodologia utilizada neste estudo, incluindo: Tipo do Estudo, População e Amostra, Instrumento e Coleta de Dados, Tratamento Estatístico, Tratamento Experimental, Limitações do Estudo.

O Capítulo IV descreve, analisa e discute os resultados do estudo e, finalmente, o Capítulo V apresenta as conclusões e sugestões.

CAPÍTULO II
REVISÃO DA LITERATURA

Com a finalidade de encontrar subsídios que fundamentassem a evolução da dramatização e sua aplicação em diversos campos, levantou-se a literatura relacionada com teatro, educação, psicologia e psiquiatria. Com base neste levantamento, organizou-se este capítulo nos quatro itens que se seguem:

- a) Histórico da dramatização
- b) Psicodrama - o uso do terapêutico da dramatização
- c) Arte dramática na educação
- d) Estudos e/ou pesquisas de enfermagem em que utilizou a dramatização.

2.1 - Histórico da dramatização

Segundo NORONHA (1909) "*o desejo de exprimir os sentimentos e concepções é inseparável da humanidade*".²⁵ Para este autor, desde cedo, no convívio de seus semelhantes, o homem adquire as expressões da linguagem e dos gestos, com os quais procura exprimir suas emoções e experiências, utilizando uma destas habilidades ou as duas de forma combinadas. É nas conjunturas alegres e solenes que estas expressões se apresentam, enriquecendo suas variações e metodizando-se com a dança e o canto.

À expressão de sentimentos, acompanhada ou não do canto e da dança, deu-se o nome de drama, palavra que significa ação ou coisa feita.^{23, 33}

Na história de cada povo ou civilização, o drama teve origem e utilização próprias de cada cultura e semelhanças, justificadas pela herança comum da humanidade.

Na Índia, originou-se do canto e da dança nos festivais religiosos. Na China, onde é considerado de antiquíssima existência, surgiu também a partir do canto e da dança. Os chineses usavam-no para representar as ceifas, a guerra e a paz. No Ja

pão, as primeiras manifestações dramáticas foram importadas da China, e eram consideradas distrações muito apreciadas das classes inferiores. O canto, a dança, a música e as narrativas formaram as origens do drama japonês.

Na antiga Grécia, as representações dramáticas sofreram influência do Egito e dos povos asiáticos mas, apesar disso, aí se desenvolveram de forma independente. Desde o início de sua utilização, ocorreu o estabelecimento de forte vínculo religioso nos seus conteúdos, tanto na forma de comédia como no de tragédia. Os temas das tragédias eram façanhas e sofrimentos dos heróis da mitologia, muito conhecidos do auditório.

Na Roma antiga, as representações dramáticas eram feitas durante as festividades rurais e resultavam da fusão alegre da dança, dos jogos, das improvisações de canções, do discurso, do diálogo e de uma forma de declamação. Estas festividades eram cerimônias públicas ou particulares. Todavia o drama não teve muito prestígio entre os romanos, que estavam mais interessados nos jogos violentos, nos espetáculos de circo, corridas e guerras; por isto, ele refletia a absorção da cultura dos povos conquistados.⁵

Na Idade Média foi utilizado com o objetivo de representar o místico, os milagres, cenas bíblicas, a vida de Cristo e história dos santos.

Com o Renascimento, foi na Itália que se deu com mais vigor o florescimento de todas as formas de arte, inclusive o teatro, em todas as suas variações. Do século XIV ao XVII desenvolve-se na Itália a Comédia dell'Arte, movimento teatral com material de forte sabor popular. As cenas eram levadas ao público em tablados, e aí repetidas tantas vezes quanto necessário, até que houvesse total compreensão da platéia. A partir do momento

to em que a idéia geral era entendida pelo público, o ator podia improvisar, de acordo com o talento peculiar de cada um. Os atores da Comédia dell'Arte deviam levar várias peças decoradas pelo menos em seu arcabouço central para, a partir daí, improvisar seus conteúdos para o público, segundo sua solicitação.

No Brasil, o drama foi introduzido pelos jesuítas e empregado junto aos Índios como atividade de ensino e catequese. Os objetivos dos jesuítas ao dramatizarem os temas literários eram a diversão, a representação dos autos hieráticos, a catequese e a propaganda religiosa. Todavia, os Índios brasileiros, à chegada dos colonizadores, já haviam desenvolvido uma forma rudimentar de drama, ligado a atividades religiosas, e que se constituía da dança e do canto.

2.2 - Psicodrama - o uso terapêutico da dramatização

A primeira pessoa a utilizar as dramatizações com finalidades terapêuticas, de forma sistematizada, foi MORENO. Este autor informa, em seu livro Psicodrama, editado em 1946, que antes da existência da medicina científica; "praticou-se a purificação de enfermidades mentais e físicas, mediante um choque quase psicodramático".²³

O Psicodrama, nome atribuído a esta forma de terapia pela ação, existe oficialmente desde 1921, quando MORENO realizou sua primeira sessão oficial. O movimento teatral mais semelhante ao psicodrama, segundo ele, é a Comédia dell'Arte Italiana, que não tinha, todavia, fins terapêuticos.

A palavra Psicodrama vem do grego "psiqué" (alma) e "drama" (ação, realização) e é definida por MORENO como "A ciência que explora a verdade dos seres humanos ou a realidade das situações por métodos dramáticos".³³

Historicamente, representa o ponto culminante da passagem do tratamento do indivíduo isolado para o tratamento do indivíduo em grupos; do tratamento do indivíduo por métodos verbais para o tratamento por métodos de ação. ²³

Para SCHUTZENBERGER (1970) "*O Psicodrama é também uma experiência vivida em grupo, de grupo, pelo grupo e para o grupo*". Um dos seus mais importantes efeitos é que a pessoa percebe que não está só numa situação única, difícil e traumatizante, mas partilhada por todos. Seu problema é dividido com o grupo e deste recebe a ressonância afetiva. ³³

Uma sessão do Psicodrama é dividida em três etapas. A primeira, o aquecimento, objetiva levar os integrantes do grupo a se sentirem descontraídos e preparados para viverem as cenas propostas na etapa seguinte, a dramatização. ²² A terceira etapa da sessão é reservada aos comentários e análise, por parte dos integrantes do grupo, do episódio cênico.

Em 1925, MORENO foi para os Estados Unidos, onde aperfeiçoou sua teoria e elaborou muitas de suas técnicas, ao mesmo tempo em que desenvolveu seus trabalhos sobre sociometria e interação de grupos.

Desde que foi criado, o Psicodrama tem recebido contribuições de vários outros psicodramaturgos, de forma a resultarem, atualmente, muitas variações da forma original, proposta por MORENO. Entre elas, o Psicodrama triádico e o Psicodrama psicoanalítico. ^{34, 27}

2.3 - Arte dramática na educação

A arte dramática sempre esteve presente, desde as mais remotas épocas, no processo de educação da criança e do adolescente. ³⁰

Nas antigas civilizações, o teatro era empregado na infância como distração, treinamento através dos jogos educativos (antiga Grécia), objetivando encaminhar o jovem a seu ajustamento como adulto.

A Idade Média a empregou da moral religiosa da época e assim como os adultos, as crianças e adolescentes eram atraídos a assistirem representações sacras, mistérios, farsas e moralidades.

A partir dos séculos XVI e XVII, o teatro passa a fazer parte dos planos de estudo das escolas, por iniciativa de São Filipe Néri e dos jesuítas, quando lhe era atribuída elevada função educativa. Os jesuítas utilizavam o teatro em suas escolas a bem do ensino moral e social. Consideravam que, honestamente praticado, o exercício cênico ajudava a cultivar o espírito, treinar a memória, formar o caráter e os sentimentos, dele podendo beneficiar-se o comportamento dos jovens, quanto à voz, ao gesto, à declamação e à graça do porte. ³⁰

Os jesuítas mantinham o teatro em suas inúmeras escolas, nos mais importantes centros da Europa, como também na América e na Ásia, e durante três séculos sustentaram a tradição de fazer teatro na escola.

Dom João Bosco sentiu também a importância e o valor educativo do teatro e, desde 1848, o colégio Salesiano já possuía um elenco de marionetes. Os alunos participavam do elenco e traziam espectadores convidados para a representação. Deste teatro de fantoches passou-se ao verdadeiro teatro, rapidamente. Mas Dom Bosco, preocupado com os efeitos do teatro sobre a formação do jovem, editou dezenove regras "*Para o Pequeno Teatro*", que para ele deveria divertir, instruir e educar moralmente a juventude.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII os objetivos do teatro

na escola destinavam-se a sensibilizar os jovens à prática religiosa. No século XIX o teatro educativo na Itália, bem como toda literatura infantil e juvenil foram marcados pela preocupação exclusivamente pedagógica e, após o "*Unità*", estas preocupações morais, próprias da tradição religiosa, uniram-se às cívicas das novas gerações de escritores, todos com intenção de "*formar*" italianos.

Os países da Europa utilizavam o teatro na escola de forma semelhante à Itália, exceto a Inglaterra, que procurava imprimir nas histórias e no teatro infantil uma colaboração mais ativa das crianças.

Na França as representações tinham, além das utilizações habituais, o objetivo de ensinar às crianças as etiquetas da corte.

Todavia, somente a partir do século XX, mais precisamente depois de 1920, é que se vem afirmando efetivamente a doutrina dos Jogos Dramáticos como meio de educação. Há atualmente um movimento generalizado de incentivar o ensino da arte dramática na escola. REVERBEL (1978) afirma que "*as novas correntes pedagógicas oferecem condições para que o teatro na escola abandone a tradicional linha diretiva e assuma uma posição mais aberta, considerando o interesse espontâneo do aluno para as formas artísticas mais adequadas ao desenvolvimento de sua personalidade*"³⁰

A atividade dramática, utilizada de forma espontânea em situações de ensino, possibilita elucidar relações humanas passadas, presentes ou futuras, em termos de suas implicações sociais, emocionais e cognitivas. Habitualmente, quando utilizada por um pequeno grupo de pessoas com objetivo de analisar um encontro social problemático, em situação planejada, proporciona uma experiência de aprendizagem, tanto aos participantes quanto aos

observadores, o que deve aumentar-lhes a compreensão dos sentimentos humanos, percepções e ações implicadas na situação que está sendo examinada. ³⁰, ³⁵

Os papéis dos atores não são ensaiados ou baseados em textos programados antecipadamente; há apenas um planejamento inicial no qual são estabelecidos os dados do problema em questão, tais como local e data do ocorrido, identidade dos personagens implicados e suas posições no fato a ser encenado. A descrição da situação pode ser relativamente curta, mas deve ser viável, interessante e retratar a percepção humana que os participantes trazem em suas realidades ou fantasias. Estes serão confrontados, à medida que se dão as dramatizações, com a realidade e as fantasias do grupo. ³⁵, ³²

Após iniciada a cena, esta só deverá ser interrompida quando houver uma base adequada para discussão, quando o protagonista e demais participantes parecerem ter aprendido alguma coisa da representação ou quando eles tiverem ampla oportunidade de praticar uma habilidade específica, ou esclarecer uma dúvida ou questionamento, conforme o objetivo do grupo. ³⁵

Terminada a dramatização, inicia-se a avaliação ou análise da cena. Os primeiros a falar serão o protagonista e os atores. Devem falar aos outros sobre seus pensamentos e sentimentos enquanto desempenhavam seus papéis, e também dar suas opiniões sobre pensamentos e sentimentos manifestados pelos outros atores. Em outras palavras, cada ator deverá explicar o seu ponto de vista em relação aos outros, durante a representação, e o que o estimulou em seu comportamento específico. ⁷, ²⁸

Durante as avaliações, não é conveniente que as opiniões do diretor suplantem as dos participantes. Aquelas feitas pelos participantes serão as consagradas e aceitas, mesmo que pa-

ra o diretor não reflitam o melhor. À medida que o tempo vai passando, os participantes devem chegar a distinguir entre soluções razoáveis e não razoáveis, eficazes e não eficazes, baseados na interação surgida no grupo, mais do que na intervenção do diretor de cena, como autoridade. ^{35,29,30}

Todos os participantes do grupo, atores, observadores e diretor sofrem, em maior ou menor grau, impacto com o dramatizado, embora, às vezes, as lições aprendidas através das dramatizações não se situem no plano verbal, mas apenas em plano de atividades comportamentais. Isto pode ser explicado porque a representação estabelece uma ponte para o intervalo entre o pensamento e a ação. Seus efeitos podem ser sentidos sobre uma maior abertura para as relações humanas. ^{30,35}

2.4 - Estudos e/ou pesquisas de enfermagem em que se utilizou a dramatização

As técnicas dramáticas têm sido utilizadas nas escolas de enfermagem, de forma isolada ou associada a outras técnicas, em diferentes situações.

Em 1970, SHEAFOR empregou a dramatização em forma de Desempenho de Papel, como uma das técnicas na aplicação do método de caso, com alunos de enfermagem que cursavam a disciplina Administração. Nesta experiência, o objetivo era desenvolver nos estudantes habilidades de liderar discussões em grupo, na resolução de problemas de enfermagem. ³⁶

KALISCH, em 1971, publicou os resultados de uma pesquisa experimental, feita com alunos de enfermagem, cujo objetivo principal era o desenvolvimento da empatia, elemento que considerou crítico nas relações interpessoais e na formação do profissional de enfermagem. Nesta experiência, utilizou quatro técnicas

associadas: Treinamento Didático, Desempenho de Papel, Treinamento Experimental e um modelo de Papel de Empatia. ¹⁴

Em 1973, *BARLOW E BRUHN* relataram ter feito uso da dramatização através da televisão, em sessenta programas, com assistência de quinhentos e dez participantes, dos quais duzentos e sessenta eram enfermeiros. Os programas exibiam situações em que o enfermeiro representava comportamento bom, medíocre ou inaceitável. Após a projeção da cena, que durava 20 minutos, havia discussão em pequenos grupos sobre o dramatizado, com apresentação de soluções alternativas e relato de fatos semelhantes, ocorridos na vida profissional dos participantes que assistiam ao programa. ¹

Uma outra aplicação das dramatizações foi feita por *KALISCH*, em 1974, durante um curso de verão para alunos do último ano do curso de enfermagem do Amarillo College, em Amarillo; Texas. O desempenho de papel foi a modalidade empregada, com o objetivo de desenvolver a responsabilidade e aumentar a independência dos alunos. O autor esperava também, com a experiência, motivá-los e inspirá-los a penetrar no mundo da enfermagem com entusiasmo, ao iniciarem a profissão. ¹⁵

A mudança de atitudes favoráveis em relação aos doentes e à doença mental, por parte de alunos de enfermagem do primeiro ano do curso, foi o que motivou *GODEJOHN* e colaboradores, em 1975, a programarem a executarem uma experiência com a utilização das técnicas dramáticas. ¹¹

No Brasil os enfermeiros têm trabalhado com dramatizações, mas ainda são incipientes as publicações sobre tais experiências.

Em 1964, *SANTOS E D'ANDREA* empregaram o sociodrama, como técnica na solução dos conflitos iniciados entre dois grupos de estudantes da escola de enfermagem em que lecionavam. ³²

NEVES (1976) utilizou as técnicas dramáticas no treinamento de auxiliares psiquiátricos em Brasília, sob o patrocínio do MEC. Nesta experiência a autora visou a abordar, principalmente, os problemas de relações interpessoais ocorridos nos contatos com os pacientes. Cenas que retratavam situações reais foram dramatizadas, tais como as referentes a internações e medicações não aceitas pelos pacientes, a restrições mecânicas e rejeições familiares, quando da alta médica. ²⁴

Em 1977, MANZOLLI e OLIVEIRA publicaram sua experiência com o emprego do desempenho de papel em grupos de alunos de enfermagem na disciplina Psicologia, do primeiro ano do curso, quando eram examinadas, à luz das dramatizações, as mais comuns interrelações ocorridas entre alunos de enfermagem e pacientes. Estes mesmos alunos, ao chegarem ao segundo ano do curso, contactam diretamente com pacientes, através dos estágios, e voltam a reunir-se para dramatizar estes encontros, com o objetivo de averiguar os efeitos dos treinamentos realizados no primeiro ano.

Segundo os autores citados acima, desde 1974 vêm utilizando o desempenho de papel na escola em que lecionam, com o objetivo de examinar as relações professor/aluno aí ocorridas. ¹⁹

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1 - Tipo do estudo

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa experimental e utilizou a dramatização com alunos de enfermagem no início do ciclo profissionalizante.

3.2 - População e amostra

Fizeram parte da população alunos do 5º período do curso de Enfermagem de uma universidade federal da região sudeste do país, durante o 1º semestre do ano letivo de 1979.

A amostra foi selecionada a partir da aplicação de um questionário elaborado para esta finalidade constando de 7 questões objetivas. (ANEXO I)

O questionário foi aplicado a 44 alunos, de uma turma de 50, que se encontravam presentes no dia estabelecido para sua aplicação. Destes foram selecionados 23 alunos, que responderam aceitar a participação no estudo proposto.

Na constituição dos grupos os participantes foram emparelhados no que se refere a número de participantes de cada grupo, idade cronológica, período escolar, pertencer à mesma turma e disporem de tempo para integrar os grupos.

Para a composição dos grupos E e C, três alunos que se dispuseram a participar da experiência foram eliminados por não atenderem aos critérios pré-estabelecidos.

3.3 - Instrumentos e coleta de dados

Foram utilizados como instrumento para coleta de dados dois questionários. O primeiro (ANEXO II) objetivou testar as hipóteses e constou de 14 questões objetivas, que foram pré-testadas. Este questionário foi utilizado como pré e pós-teste para os dois grupos (E e C). O segundo (ANEXO III) investigou as opiniões

dos componentes do grupo E sobre a experiência com dramatização, e foi respondido oito dias após o término da experiência.

3.4 - *Tratamento estatístico*

O tratamento estatístico estabelecido para o estudo foi cálculo do qui-quadrado. Esperava-se, com a utilização deste método estatístico, obter índices mais significativos de diferenças entre os dois grupos.

3.5 - *Tratamento experimental*

O tratamento experimental utilizado neste trabalho consistiu na utilização de dramatização com alunos do 5º período do curso de enfermagem de uma universidade federal do estado do Rio de Janeiro.

Os alunos que fizeram parte do grupo que foi submetido às técnicas de dramatização constituíram o grupo experimental, enquanto que o restante da amostra compôs o grupo controle, que não foi submetido a esta técnica.

As atividades do grupo C ficaram, durante a experiência, limitadas à participação das aulas programadas para o curso de enfermagem. Os contatos mantidos com estes alunos foram feitos em dois tempos: antes e depois da realização dos encontros de dramatização. Antes de iniciados os encontros, para aplicação dos questionários de seleção da amostra e do pré-teste e depois de realizados os encontros, para a aplicação do teste de hipóteses.

3.6. - *Limitações do estudo*

O estudo em pauta apresenta limitações aos seguintes aspectos: a) impossibilidade de generalização para todos alunos do 5º período de outras escolas de enfermagem; b) impossibilidade

de generalização da contribuição desta experiência para a melhoria do relacionamento e da perspectiva, a todos os alunos de enfermagem, quanto à futura profissão; c) impossibilidade de determinar o grau de melhoria do relacionamento e da perspectiva dos alunos que se submeteram à experiência com dramatização.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS

Resultados

A apresentação dos resultados foi organizada nas cinco partes que se seguem:

- 4.1 - *Descrição do tratamento experimental*
- 4.2 - *Caracterização dos sujeitos dos grupos experimental e de controle*
- 4.3 - *Caracterização da experiência com dramatização*
- 4.4 - *Percepção dos participantes sobre o relacionamento interpessoal e suas perspectivas quanto à profissão de enfermeiro*
- 4.5 - *Avaliação da abordagem dramática pelo grupo experimental.*

4.1 - Descrição do tratamento experimental

A experiência ora relatada desenvolveu-se num período de 9(nove) semanas, quando se realizou um contato semanal com os alunos. Foram previstos seis encontros para a realização da experiência propriamente dita, e três destinados à seleção da amostra, aplicação do pré e pós-teste, estabelecimento do cronograma e contrato com o grupo Experimental.^{6,7,20,22}

Para a realização dos encontros de dramatização, foi escolhida uma sala, afastada do centro de maior movimentação da escola, onde as cadeiras foram colocadas em círculo, reservando um espaço interno para a realização das cenas.³²

Os seis encontros para a experiência de dramatização obedeceram às seguintes etapas: aquecimento, dramatização e avaliação.

No primeiro encontro, o aquecimento evidenciou os temas "perspectivas quanto à futura profissão e conflitos no relaciona-

mento entre os integrantes do grupo". Encenou-se, na etapa da dramatização, estória prospectiva, que refletia as dúvidas dos participantes quanto a seu futuro como profissionais de enfermagem e a inquietação quanto aos problemas éticos da prática profissional. As técnicas dramáticas utilizadas nesta cena foram o "*diálogo*" e o "*duplo*".³³

Três cenas foram trabalhadas no segundo encontro do grupo, e versavam sobre as dificuldades do "*relacionamento interpessoal*". A primeira delas refletia o conflito entre alguns participantes do grupo e as outras duas, atritos com um professor da escola. Usou-se na primeira cena "*o diálogo*", "*o duplo*" e três "*inversões de papéis*". Nas duas últimas, além das técnicas já citadas, a "*troca de atores*" e o "*à parte*".³³

O terceiro encontro trouxe novamente o tema "*relacionamento interpessoal*". Duas cenas foram feitas abordando o assunto, sendo que uma mostrava problemas de relacionamento entre alunos e professores e a outra envolvia apenas alunos. As técnicas empregadas foram: "*o duplo*", "*a inversão de papéis*", a "*troca de atores*", o "*diálogo*" e o "*à parte*".³³

"As perspectivas quanto à futura profissão e suas implicações éticas" foi o tema do quarto encontro. Foi encenado uma estória, onde se utilizaram as técnicas do "*diálogo*", a "*inversão de papéis*" e a "*troca de atores*".³³

"O relacionamento interpessoal" foi novamente tema central do quinto encontro: uma cena foi dramatizada, refletindo a busca para melhor conhecer um professor de quem os alunos tinham muito medo e inúmeras queixas. As técnicas usadas foram "*o duplo*", "*a troca de atores*" e "*o diálogo*".

No sexto encontro, o grupo manifestou-se desejoso de verbalizar seus sentimentos sobre a experiência e sobre os cole-

gas, não aceitando fazê-lo em forma de dramatização. Propôs-se então três exercícios que versavam sobre: 1) modificações ocorridas no grupo quanto ao relacionamento interpessoal; 2) sentimentos dos participantes sobre a experiência vivida; 3) avaliação dos sentimentos de cada um dos integrantes do grupo, quanto aos seus colegas assentados à sua esquerda e à sua direita, e posterior sentimento sobre a avaliação destes sobre si.

4.2 - Caracterização dos sujeitos

Com o objetivo de obter dados que permitissem traçar o perfil dos componentes dos grupos de Controle e Experimental, solicitou-se informações relacionadas a:

- . *sexo*
- . *idade*
- . *interesse em participar da experiência*
- . *exercício de atividades remuneradas*
- . *frequência a campos de estágio.*

TABELA Nº 1

DISTRIBUIÇÃO DOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS E e C QUANTO
AO SEXO

QUANTO AO SEXO	GRUPOS			
	EXPERIMENTAL		CONTROLE	
	F	%	F	%
Feminino	7	70	10	100
Masculino	3	30	-	-
<i>TOTAL</i>	<i>10</i>	<i>100</i>	<i>10</i>	<i>100</i>

O grupo E foi constituído de 7(70%) de participantes do sexo feminino e 3(30%) de masculino, enquanto que o grupo C teve sua constituição de 10(100%) de mulheres, como pode ser verificado na TABELA Nº 1.

TABELA Nº 2

DISTRIBUIÇÃO DOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS E e C QUANTO
À FAIXA ETÁRIA

QUANTO À FAIXA ETÁRIA	GRUPOS			
	EXPERIMENTAL		CONTROLE	
	F	%	F	%
20 ... 23	8	80	8	80
24 ... 27	1	10	2	20
28 ... 31	1	10	-	-
<i>TOTAL</i>	<i>10</i>	<i>100</i>	<i>10</i>	<i>100</i>

Os sujeitos que compuseram o grupo Experimental e o de Controle, conforme mostra a TABELA Nº 2, tinham a idade entre 20 e 31 anos, sendo que 80%, tanto do 1º quanto do segundo grupo, encontravam-se na faixa de 20 a 23 anos.

TABELA Nº 3

PERCENTUAL DE RESPOSTAS DADAS PELOS PARTICIPANTES DOS
GRUPOS EXPERIMENTAL E DE CONTROLE QUANTO À
DISPOSIÇÃO DE PARTICIPAR DA EXPERIÊNCIA
COM DRAMATIZAÇÃO

ALTERNATIVAS	GRUPOS			
	EXPERIMENTAL		CONTROLE	
	F	%	F	%
Sim	10	100	9	90
Não	-	-	1	10
TOTAL	10	100	10	100

Na TABELA Nº 3 constata-se que 10 (100%) dos componentes do grupo E responderam estar interessados em participar da experiência com dramatização. No grupo C, um dos componentes manifestou desinteresse em participar das dramatizações alegando não dispor de tempo. Aceitou, todavia, integrar o grupo C, respondendo aos questionários de pré e pós-teste.

TABELA Nº 4

PERCENTUAL DE RESPOSTAS DADAS PELOS PARTICIPANTES DOS
GRUPOS E e C QUANTO A EXERCEREM ATIVIDADES
REMUNERADAS

ALTERNATIVAS	GRUPOS			
	EXPERIMENTAL		CONTROLE	
	F	%	F	%
Sim	3	30	-	-
Não	7	70	10	100
TOTAL	10	100	10	100

Investigando se os participantes trabalhavam fora para ajudar a custear seus estudos, verificou-se, como demonstra a TABELA Nº 4, que apenas 30% das respostas eram afirmativas no grupo E, enquanto que no grupo C 10 (100%) responderam negativamente.

TABELA Nº 5

PERCENTUAL DE RESPOSTAS DADAS PELOS PARTICIPANTES DOS
GRUPOS E e C QUANTO À FREQUÊNCIA À CAMPOS DE ESTÁGIO

ALTERNATIVAS	GRUPOS			
	EXPERIMENTAL		CONTROLE	
	F	%	F	%
Sim	-	-	-	-
Não	10	100	10	100
TOTAL	10	100	10	100

A TABELA Nº 5 demonstra que até a data do início da experiência os alunos, de ambos os grupos, não haviam ainda iniciado a parte prática das disciplinas. Procurou-se saber se estes alunos já teriam iniciado estas atividades, com o objetivo de averiguar a uniformidade do grupo em relação ao contato com a prática profissional.

4.3 - Caracterização da experiência com dramatização

Neste tópico são analisados os resultados referentes:

- As reações comportamentais dos participantes de grupo experimental durante os seis encontros nos quais foram desenvolvidas as técnicas dramáticas propostas neste trabalho.
- Ao levantamento dos temas abordados pelos participantes do grupo experimental durante os encontros realizados.

4.3.1 - Reações comportamentais do grupo e durante a experiência com dramatização

Durante a experiência com dramatização, os participantes do grupo E apresentaram uma evolução em seu comportamento enquanto grupo, que foi dividida em três fases: inicial, intermediária e final. Esta evolução, observada em cada uma das fases, com as respectivas frequências simples e relativas, encontra-se na TABELA Nº 6.

TABELA Nº 6

PERCENTUAL DAS REAÇÕES COMPORTAMENTAIS DO GRUPO E DURANTE A EXPERIÊNCIA COM DRAMATIZAÇÃO

QUANTO ÀS REAÇÕES COMPORTAMENTAIS	FASES								
	INICIAL			INTERMEDIÁRIA			FINAL		
				ENCONTROS					
	1º	2º	TOTAL	3º	4º	TOTAL	5º	6º	TOTAL
	F %	F %	F %	F %	F %	F %	F %	F %	F %
Interesse na Experiência	10 100	10 100	20 100	10 100	10 100	20 100	10 100	10 100	20 100
Participação	7 70	8 80	15 75	9 90	8 80	17 85	9 90	10 100	19 95
Descontração	4 40	6 60	10 50	8 80	9 90	17 85	9 90	9 90	18 90
Individualismo	5 50	4 40	9 45	3 30	- -	3 15	- -	1 10	1 5
Conflito de posições	7 70	4 40	11 55	1 10	- -	1 5	- -	2 20	2 10
Aceitação do outro	3 30	3 30	6 30	8 80	9 90	17 85	9 90	9 90	18 90
Solidariedade	1 10	3 30	4 20	5 50	9 90	14 70	9 90	9 90	18 90
Integração	1 10	1 10	2 10	4 40	9 90	13 65	9 90	9 90	18 90

FONTE: Observações do diretor e relatórios

Os termos utilizados para a caracterização das reações comportamentais contidas na *TABELA Nº 6* encontram-se definidos no *Capítulo II*.

A reação comportamental denominada "*interesse na experiência*" esteve presente durante todas as fases, numa incidência de 100%. A "*participação*" mostrou frequências relativas diferentes nas três fases da experiência, com 75% na 1a., 85% na 2a. e 95% na última. "*Descontração*", o terceiro comportamento observado, mostrou as frequências relativas de 50, 85 e 90% na 1a., 2a. e 3a. fases, respectivamente.

Com frequências relativas de 45, 15 e 5%, nas três fases da experiência, a reação comportamental nomeada como "*individualismo*", aproximou-se das frequências de "*conflito de posições*" com 55, 5 e 10% na 1a. 2a. e 3a. fases, respectivamente.

A "*aceitação do outro*", a "*solidariedade*" e a "*integração*" mostraram as frequências relativas de 30, 20 e 10% na 1a. fase, 85, 70 e 65% na segunda e frequências relativas equivalentes a 90%, na terceira fase.

4.3.2 - Levantamento dos temas abordados durante a experiência

Os encontros da experiência com dramatização iniciavam -se com o aquecimento, a partir do qual, ficava evidenciado o tema que o grupo pretendia discutir, o diretor, baseado no interesse manifestado pelos participantes, utilizava os dados das discussões, compondo as cenas a serem dramatizadas. ^{7, 28}

Durante os seis encontros, os assuntos que os participantes demonstraram maior interesse em discutir foram: as perspectivas do profissional na sociedade - implicações éticas; e relacionamento interpessoal entre colegas e professores. Os relatórios destes encontros estão no ANEXO IV.

TABELA Nº 7

PERCENTUAL DAS FREQUÊNCIAS DOS TEMAS ABORDADOS DURANTE A EXPERIÊNCIA COM DRAMATIZAÇÃO

QUANTO AOS TEMAS ABORDADOS	ENCONTROS													
	1º		2º		3º		4º		5º		6º		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
1. Perspectivas do profissional na sociedade - Implicações éticas	2	20	-	-	-	-	1	10	-	-	-	-	3	23,1
2. Relacionamento interpessoal	1	10	3	30	2	20	-	-	1	10	3	30	10	76,9

Pelos dados apresentados na TABELA Nº 7, pode-se notar uma frequência de 10(76,9%) incidindo sobre o tema "relacionamento interpessoal". O outro tema, com 3(23,1%) da frequência total, tratava das "perspectivas do profissional", que um dia viriam a ser.

4.4 - Percepção dos participantes sobre o relacionamento interpessoal e suas perspectivas quanto à profissão de enfermeiro.

Para testar as hipóteses, os itens do questionário ANEXO II, foram divididos em duas categorias:

- . A primeira, contendo questões destinadas a verificar a percepção dos sujeitos dos grupos E e C, sobre o relacionamento interpessoal entre aluno-aluno, aluno-professor e aluno - escola.
- . A segunda, que objetiva averiguar as perspectivas dos alunos, componentes da amostra, quanto à futura profissão.

O tratamento estatístico aplicado foi o teste do X^2 e para sua aplicação admitiu-se a dicotomia satisfatório/não-satisfatório, para as respostas aos itens do questionário.

Nas questões de respostas sim-não, as opções afirmativas foram consideradas satisfatórias; as negativas, não satisfatórias. Para as questões que apresentavam mais de duas opções para resposta, foram consideradas satisfatórias aquelas que eram favoráveis ao relacionamento interpessoal, e como não-satisfatórias as demais. Assim, na questão de nº 02, as opções a e c foram computadas como satisfatórias e b como não satisfatórias. Na questão nº 07 do questionário computaram-se as opções a e b como satisfatórias e c como não satisfatória.

Para as respostas às questões de nº 08, 09, 11 e 12 não foi calculado o X^2 , por se considerar que as mesmas não poderiam ser enquadradas na dicotomia satisfatório/não-satisfatório. Estas questões serão analisadas separadamente, após a apresentação dos resultados das questões pertinentes ao aspecto relacionamento interpessoal, do qual também fazem parte.

Antes de testar as hipóteses com os dados coletados no

pós-teste, foi calculado o χ^2 para todos os itens do questionário que seriam utilizados com esta finalidade. Com os dados obtidos no pré-teste, verificou-se que os grupos E e C eram homogêneos nesta condição.

4.4.1 - *Relacionamento interpessoal*

No QUADRO Nº 1 estão contidas as questões de nºs 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 10 e 13, afetas ao aspecto relacionamento interpessoal. Neste mesmo quadro podem ainda ser encontradas as frequências observadas nos grupos E e C já computadas, obedecendo à dicotomia satisfatório/não-satisfatório, como descrito acima, e os respectivos cálculos do χ^2 .

QUADRO Nº 1

FREQUÊNCIA SIMPLES E CÁLCULO DO χ^2 QUANTO AO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL

ITENS SOBRE RELACIONAMENTO INTERPESSOAL	GRUPOS				X ²
	EXPERIMENTAL		CONTROLE		
	F		F		
	SATISFATÓRIO	NÃO SATISFATÓRIO	SATISFATÓRIO	NÃO SATISFATÓRIO	
01. Frequentar aulas nesta escola é para você, de um modo geral, uma atividade agradável?	8	2	6	4	0,95
02. Os problemas de relacionamento entre professores e alunos desta escola são resolvidos:	4	6	5	5	0,20
03. As reivindicações feitas pelos alunos à escola são atendidas?	2	8	5	5	1,97
04. O ambiente existente na classe é favorável ao desenvolvimento de bom relacionamento entre os colegas?	6	4	9	1	2,40
05. Nesta escola são feitas reuniões entre professores e alunos para discutir assuntos de interesse profissional?	2	8	2	8	-
06. Você tem hábito de procurar seus professores para discutir sobre a aceitação de papéis impostos pela profissão?	-	10	2	8	2,20
07. Os professores desta escola favorecem as situações de diálogo sobre assuntos profissionais?	10	-	8	2	2,20
10. Você considera que há integração entre professores desta escola?	4	6	5	5	0,20
13. Em sua turma, os problemas são discutidos com a presença da maioria dos alunos ?	8	2	6	4	0,95

As respostas à questão nº 01, que pesquisava o grau de satisfação dos alunos em frequentarem aulas na escola, mostram, através dos índices de frequência observada, um nível mais elevado de satisfação do grupo experimental. Todavia, aplicado o teste do χ^2 , a diferença entre os grupos E e C não se mostrou significativa. (0,95)

O item de nº 02 do questionário buscava verificar a percepção dos alunos sobre a maneira utilizada pela escola para tratar problemas de relacionamento entre alunos e professores. Nele a frequência observada revelou-se maior entre os componentes do grupo C, mas a aplicação do χ^2 com nível de significância de 0,05 mostrou resultado não significativo: 0,20.

A percepção da receptividade e tratamento dispensados pela escola às reivindicações dos alunos foi o pesquisado no item 03 e o que recebeu dos sujeitos do grupo E uma frequência de respostas satisfatórias inferior ao grupo C, mas o tratamento estatístico revelou que esta diferença não foi significativa. (1,97).

A questão de nº 4 pede ao respondente opinião sobre o ambiente existente em sua classe, quanto ao fato de este ser favorável a um bom relacionamento entre os colegas. As respostas evidenciaram diferenças não significativas entre os dois grupos, com o teste do χ^2 revelando apenas 2,40 de diferença.

As respostas ao item nº 05 evidenciaram a não existência de reuniões entre professores e alunos para tratar de assuntos de interesse profissional.

Quando inquiridos sobre se tinham hábito de procurar seus professores para discutir sobre a aceitação de papéis impostos pela profissão (questão nº 06), as respostas dos dois grupos foram encontradas em maior frequência na opção computada como não-satisfatória, numa incidência de 10 no grupo E e 8 no grupo C.

(N=10). O resultado do teste do χ^2 apresentou nível não significativo, (2,20) de diferença entre os dois grupos.

O χ^2 calculado para a questão de nº 07, mostrou níveis não significativos para um grau de liberdade de 5%(2,20). Todavia, as frequências observadas revelam que os dois grupos consideram que os professores da escola favorecem as situações de diálogo sobre assuntos relativos à profissão, como mostra o QUADRO Nº 1. No grupo E, todos os participantes apresentam respostas satisfatórias sobre a questão, enquanto que no grupo C a proporção foi de 8 em 10 alunos com respostas satisfatórias.

O cálculo do χ^2 rejeitou as diferenças existentes entre os grupos E e C, no que se refere à questão de nº 10, (*Você considera, de uma maneira geral, que há integração entre professores e alunos desta escola?*), como foi mostrado no QUADRO Nº 2, apresentando o nível crítico de 0,20.

Pelos resultados do teste aplicado aos dados da questão de nº 13($\chi^2=0,95$), pode-se afirmar que não há diferença significativa entre as respostas dos componentes dos grupos quanto ao tópico pesquisado. (*Em sua turma, os problemas comuns são discutidos com a presença da maioria dos alunos?*).

As questões atinentes ao aspecto do relacionamento inter pessoal, que não receberam tratamento estatístico, pelo teste do χ^2 conforme esclarecido anteriormente, serão apresentado nas TABELAS 8, 9, 10 e 11 e analisados a seguir.

TABELA Nº 8

PERCENTUAL DE RESPOSTAS DADAS PELOS PARTICIPANTES DOS
DOIS GRUPOS QUANTO A AFIRMAÇÃO DE TEREM RECEBIDO
ADVERTÊNCIAS DOS PROFESSORES

ALTERNATIVAS	GRUPOS					
	EXPERIMENTAL				CONTROLE	
	PRÉ-TESTE		PÓS-TESTE		PRÉ-TESTE	
	F	%	F	%	F	%
1. Sim	2	20	3	30	2	20
2. Não	8	80	7	70	8	80
TOTAL	10	100	10	100	10	100

A TABELA Nº 8 apresenta as respostas à questão de nº 08, que investiga a ocorrência de advertência feita pelos professores aos alunos que compõem a amostra.

Observa-se que no pré-teste a incidência de respostas afirmativas, nos dois grupos, foi de 20%. Isto é, 2(dois) alunos do grupo E e dois do grupo C afirmaram ter recebido advertências de seus professores.

No pós-teste, enquanto que o grupo C, mostrou igual percentagem de respostas afirmativas, no grupo E estas respostas incidiram em 30%, como mostra a TABELA nº 8.

TABELA Nº 9

PERCENTUAL DE RESPOSTAS DADAS PELOS PARTICIPANTES DOS
DOIS GRUPOS QUANTO AO FATO DE CONSIDERAREM
MERECHAS AS ADVERTÊNCIAS FEITAS
PELOS PROFESSORES*

ALTERNATIVAS	GRUPOS					
	EXPERIMENTAL				CONTROLE	
	PRÉ-TESTE		PÓS-TESTE		PRÉ-TESTE	
	F	%	F	%	F	%
1. Sim	-	-	-	-	1	50
2. Não	2	100	3	100	1	50
TOTAL	2	100	3	100	2	100

* Esta tabela refere-se ao sub-grupo identificado na tabela nº 8 que diz ter recebido advertência dos professores.

A TABELA nº 9, foi feita tomando como referência as respostas à questão de nº 9, que investigava as reações dos alunos, quanto a merecerem as advertências feitas pelos professores.

Os componentes do grupo E, que receberam advertências, tiveram 100% de reação de não-aceitação no Pré e Pós-teste. Já no grupo C, a reação apresentada foi de 50% de aceitação nos dois momentos.

TABELA Nº 10

PERCENTUAL DE RESPOSTAS DADAS PELOS PARTICIPANTES DOS
 . DOIS GRUPOS QUANTO A AFIRMAÇÃO DE TEREM RECEBIDO
 ADVERTÊNCIAS DOS COLEGAS

ALTERNATIVAS	GRUPOS							
	EXPERIMENTAL				CONTROLE			
	PRÉ-TESTE		PÓS-TESTE		PRÉ-TESTE		PÓS-TESTE	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1. Sim	5	50	5	50	1	10	2	20
2. Não	5	50	5	50	9	90	8	80
TOTAL	10	100	10	100	10	100	10	100

TABELA Nº 11

PERCENTUAL DE RESPOSTAS DADAS PELOS PARTICIPANTES DOS DOIS
 GRUPOS QUANTO AO FATO DE CONSIDERAREM MERECIDAS AS
 ADVERTÊNCIAS FEITAS PELOS COLEGAS*

ALTERNATIVAS	GRUPOS							
	EXPERIMENTAL				CONTROLE			
	PRÉ-TESTE		PÓS-TESTE		PRÉ-TESTE		PÓS-TESTE	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1. Sim	4	80	4	80	-	-	2	100
2. Não	1	20	1	20	1	100	-	-
TOTAL	5	100	5	100	1	100	2	100

* Esta tabela refere-se ao sub-grupo de alunos que diz ter recebido advertência de colegas.

Quanto às advertências feitas pelos colegas sobre atitudes consideradas por estes como inadequadas, (questão nº 11, *TABELA Nº 10*) o grupo E mostrou uma incidência maior de respostas positivas que o grupo C, ou seja, 50% dos sujeitos disseram ter recebido tais advertências, frequência que se manteve estável nos dois momentos, Pré e Pós-teste. O grupo C, que apresentou 10% de incidência de respostas positivas, no Pré-teste oscilou no segundo momento para 20%.

Na *TABELA Nº 11*, verificou-se que a reação dos respondentes a tais advertências mostrou, no grupo E, estabilidade entre o Pré e o Pós-teste, com 80% de aceitação por parte dos sujeitos que disseram ter sido advertidos. No grupo C, enquanto que no momento do Pré-teste a reação de rejeição às advertências recebidas foi de 100%, no Pós-teste as respostas evidenciaram 100% de aceitação, havendo portanto uma inversão na situação.

4.4.2 - *Perspectiva quanto à profissão do enfermeiro*

A adoção de procedimento análogo quanto às questões concernentes às perspectivas da profissão conduz ao *QUADRO Nº 2*, que contém as questões 05, 07 e 14, as frequências observadas e o respectivo cálculo do χ^2 .

QUADRO Nº 2

FREQUENCIA SIMPLES E CÁLCULO DO χ^2 QUANTO ÀS PERSPECTIVAS DA PROFISSÃO DE ENFERMEIRO

ITENS SOBRE PERSPECTIVAS DA PROFISSÃO DE ENFERMEIRO	GRUPOS				X ²
	EXPERIMENTAL		CONTROLE		
	F		F		
	SATISFATÓRIO	NÃO-SATISFATÓRIO	SATISFATÓRIO	NÃO-SATISFATÓRIO	
05. Nesta escola são feitas reuniões entre professores e alunos para discutir assuntos de interesse profissional?	2	8	2	8	-
07. Os professores desta escola favorecem as situações de diálogo sobre assuntos profissionais?	10	-	8	2	2,20
14. Atualmente você vê como boas as perspectivas quanto à profissão de enfermeiro?	9	1	9	1	-

Pelos dados expostos no *QUADRO Nº 3*, pode-se verificar que não há evidência estatística de diferença entre o grupo E e C quanto ao ítem nº 05 do questionário. ($X^2=0$)

O resultado do X^2 obtido dos dados da questão de nº 07 não evidenciou diferença significativa entre os dois grupos (2,20).

As respostas ao ítem 14 evidenciaram uma coincidência de opiniões entre o grupo E e C, não havendo necessidade de aplicação do teste de X^2 para se concluir pela não diferenciação entre os mesmos. ($X^2=0$).

4.5 - *Avaliação da abordagem dramática, pelo grupo experimental:*

Neste tópico são analisados os resultados obtidos com a aplicação do questionário de avaliação da experiência com dramatização, que constou de dez questões e um ítem adicional, destinado ao registro de críticas, sugestões ou observações. (*ANEXO III*)

Para efeito de tabulação e análise, as perguntas foram divididas em duas categorias:

- . perguntas fechadas, que permitiam somente respostas do tipo sim ou não;
- . perguntas que propiciavam múltiplas alternativas de respostas, não mutuamente excludentes.

TABELA Nº 12

PERCENTUAL DE RESPOSTAS DADAS SOBRE A AVALIAÇÃO DA
EXPERIÊNCIA COM DRAMATIZAÇÃO

RESUMO DOS ÍTENS DO QUESTIONÁRIO	RESPOSTAS			
	SIM		NÃO	
	F	%	F	%
01. Gostou de participar da experiência?	10	100	-	-
04. Considera que o número de encontros foi suficiente?	2	20	8	80
05. Considera que a periodicidade de um encontro por semana foi satisfatória?	3	30	7	70
06. Considera que a duração de cada encontro foi satisfatória?	5	50	5	50
09. Aceitaria participar novamente de experiência semelhante?	10	100	-	-
10. É favorável a que esta experiência seja estendida a todos os seus colegas?	10	100	-	-

Na *TABELA Nº 12*, encontram-se as frequências simples e relativas das respostas às questões fechadas do questionário, onde se pode constatar que, quando instados a responder se haviam gostado da experiência, dez participantes, ou seja, 100% responderam afirmativamente. O mesmo aconteceu com as questões 09 e 10, referentes à aceitação em participar de outra experiência semelhante, e quanto a ser favorável a que esta atividade se estendesse a todos os outros colegas.

Os itens que pesquisam aspectos relacionados ao dimensionamento do tempo (periodicidade, duração e número de encontros) mostram que os participantes julgaram-no insuficiente, como pode ser verificado, ainda na *TABELA Nº 12*, quando as respostas favoráveis foram de 20, 30 e 50% respectivamente.

O número total de encontros foi considerado pelo grupo insuficiente, com 80% de respostas confirmando esta opinião.

Em relação às perguntas que comportavam múltiplas alternativas não excludentes (02, 07 e 08), elaborou-se o *QUADRO Nº 3*, a fim de permitir analisar, em um só conjunto, a avaliação dos participantes sobre os aspectos intrínsecos à técnica e à condução da experiência.

QUADRO Nº 3
TÉCNICA E CONDUÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Nº	RESUMO DO ENUNCIADO DAS QUESTÕES	RESUMO DAS RESPOSTAS	F
02	Se você gostou de participar desta experiência, assinale as alternativas que justificam suas respostas.	Porque tive a oportunidade de: a. discutir com o grupo problemas que me preocupam b. conhecer melhor meus colegas e permitir que os mesmos também me conhecessem c. constatar que problemas que me preocupam muitas vezes eram comuns ao grupo d. engajar-me no grupo	09 09 10 05
07	Durante as dramatizações e discussões do grupo o diretor	a. propiciou momentos que facilitassem aos participantes conhecerem-se melhor b. propiciou clima emocional que permitia o engajamento de todos c. sempre interferia, procurando fazer valer sua opinião d. deu oportunidade a todos de se expressarem suas idéias e. deu mais atenção a uns que a outros f. deixou que o grupo chegasse as suas próprias conclusões	09 08 - 10 - 09
08	Os temas abordados pelo grupo foram	a. impostos pelo diretor b. sugeridos pelo grupo c. sugeridos pelo diretor, com aprovação do grupo	- 06 09

Na questão 02, conforme mostra o *QUADRO Nº 3*, 10
sujeitos apontaram a opção c como motivo de terem gostado da ex-
periência com dramatização. As opções a e b receberam 9 as-
sinalações, enquanto que a d alcançou 5 .

Ainda do *QUADRO Nº 3*, a questão de nº 07 revela que a
experiência foi conduzida de modo que todos os participantes logras-
sem o mesmo nível de participação e sem que houvesse, por parte
do diretor, ação no sentido de impor o seu ponto de vista, como
atestam as alternativas a e b, d e f, que apresentam frequências
de respostas iguais a 9 , 8 , 10 e 9 respectivamente.

Finalmente, a questão nº 08 demonstra o planejamento
participativo adotado na escolha dos temas a serem discutidos e
dramatizados, através das alternativas b e c, que obtiveram fre-
quência de 6 assinalações para a b e 9 para a c, enquanto que a opção a
não foi assinalada.

No instrumento de avaliação da experiência com drama-
tização foi reservado um espaço para que os participantes colo-
cassem observações críticas ou sugestões que gostariam de fazer.
Todos eles utilizaram este espaço e as anotações aí feitas refe-
riam-se, em sua quase totalidade, ao dimensionamento de tempo da
experiência, já questionado nos itens anteriores.

TABELA Nº 13

PERCENTUAL DE SUGESTÕES DADAS PELOS RESPONDENTES

SUGESTÕES	F	%
Aumentar o número de encontros	1	6,2
Aumentar a frequência semanal	8	50,0
Aumentar a duração dos encontros	3	18,8
Estender a todos os alunos da classe	2	12,6
Ampliar o número de temas a serem discutidos	1	6,2
Incluir a atividade no currículo	1	6,2
<i>TOTAL</i>	<i>16</i>	<i>100,0</i>

Na TABELA Nº 13, verifica-se que as anotações sobre o dimensionamento do tempo da experiência com dramatização equivale a 75% do total.

Ocorreram, além destas, mais quatro sugestões: duas para que a experiência se estendesse a todos os alunos da classe, uma para que se ampliasse o número de temas abordados e a outra para que se incluísse a dramatização como atividade no currículo.

Os participantes, em sua maioria (90%) preencheram o espaço destinado a observações, críticas ou sugestões de forma sucinta e objetiva, conforme colocadas na TABELA Nº 13, exceto um aluno que sugeriu que se incluísse a experiência como atividade no currículo. Transcreveu-se aqui sua observação.

"A experiência foi válida e acho que este tipo de atividade deve ria ser encaixado no nosso currículo, como existe nas escolas de segundo grau com o nome de orientação educacional, que é uma experiência desse gênero, onde existem sessões em que os alunos debatem e dramatizam assuntos relacionados à turma e à profissão. Acho que uma técnica deste tipo faz falta ao nosso curso".

DISCUSSÃO

Durante a experiência com dramatização, procurou-se oferecer aos alunos oportunidade de convivência mais aproximada, que estimulasse a reflexão do grupo sobre suas vivências comuns.³²

Os trabalhos com adolescentes devem, segundo PAVLOVSKY (1975), ser orientados de forma a permitir o estabelecimento de ambiente de maior abertura e descontração, oferecendo um continente sólido e seguro para o diálogo.²⁷

Como foi evidenciado na análise dos dados, a maioria dos alunos que fizeram parte da amostra, ou seja, 80%, tinham idade compreendida entre 20 a 23 anos, o que configura um grupo em fase final da adolescência. Pode-se deduzir ainda, quanto à incidência nesta faixa etária, que estes alunos iniciaram seu curso de enfermagem na idade em que, freqüentemente, os jovens ingressam em nossas universidades. Portanto, deduz-se que os mesmos não tiveram reprovações freqüentes ou anos de afastamento escolar, fatores que poderiam influenciar em seu ajustamento na escola.

A opção dos alunos em integrar os grupos E e C foi um dado respeitado em sua constituição, isto porque a decisão voluntária favorece o interesse e a espontaneidade durante as dramatizações. Considerando que as dramatizações requerem intenso envolvimento pessoal, julgou-se impraticável a realização deste trabalho, sem contar com a anuência integral dos alunos em dele participarem.²⁷

O relacionamento do aluno com o paciente e com o campo clínico poderia influenciar na escolha dos temas discutidos e dramatizados, todavia, isto não ocorreu durante a experiência porque, no início da mesma, estes alunos não estavam ainda estagiando. LEITE (1971) afirma que o relacionamento aluno/professor, aluno/escola e aluno/hospital, dado sua elevada freqüência, são os responsáveis pelo surgimento de elevados níveis de tensão mental, superior-

res àqueles decorrentes das interações com o paciente,¹⁶

As reações comportamentais do grupo E durante a experiência com dramatização evoluíram como um todo, no sentido das atitudes individualistas para as sociais, observando-se que, com o estreitamento das relações entre os componentes do grupo, as inibições e resistências foram eliminadas, deixando surgir um relacionamento interpessoal mais favorável e espontâneo.^{6,7,22,27,28,33}

Os autores consultados afirmam que as dramatizações agem, em maior ou menor grau, sobre o comportamento das pessoas a elas submetidas, sensibilizando-as ao relacionamento humano, facilitando o convívio pela oportunidade de maior aproximação entre os componentes do grupo, bem como ampliando a percepção dos fatos abordados.^{27,29,30,33,35}

Os temas "*Perspectivas do profissional de enfermagem na sociedade - implicações éticas*" e o "*Relacionamento interpessoal*", foram os discutidos e dramatizados durante a experiência. Dentre os dois, aquele que recebeu mais atenção, sendo abordado em cinco dos seis encontros da experiência, foi o relacionamento interpessoal (aluno/aluno, aluno/professor e aluno/escola), demonstrando ser esta a maior preocupação do grupo no momento. Habitualmente um tema é escolhido, porque reflete o pensamento ou a preocupação predominante do grupo, que só será capaz de nele se envolver, se o mesmo contiver real interesse para os participantes.^{3,35}

Quanto ao tema "*Perspectivas do profissional na sociedade - implicações éticas*", que foi abordado apenas três vezes durante a experiência, pareceu não ser objeto de preocupação dos alunos na época da experiência, como se encontra evidenciado nas respostas dadas ao instrumento de Pré e Pós-teste, no qual 90% dos sujeitos de ambos os grupos declararam perceber como sendo favoráveis as perspectivas da futura profissão.

Das respostas dadas ao questionário de avaliação da experiência (*ANEXO III*), respondido pelos participantes do grupo Experimental, depreende-se que esta foi considerada válida e que o fato de todos aceitarem novamente viverem igual experiência, bem como de indicá-la para todos os seus colegas, reforça a opinião dos mesmos sobre a validade da abordagem dramática empregada.

A maiorira dos participantes, isto é, 80%, consideraram insuficiente o número de encontros, manifestando interesse em prolongar a experiência. Alguns deles, que no decorrer dos encontros mostraram-se inibidos e resistentes em participar mais ativamente, reagiram ao final, demonstrando insatisfação pelo seu término. Provavelmente as tensões geradas nestes participantes pelo esforço dispendido na resistência apresentada foram liberadas já ao final da experiência, quando passaram a reivindicar um alargamento do número de encontros previstos. As reivindicações para aumentar o número de encontros de dramatização são comuns e, quando ocorrem, pode-se estender sua programação para dez encontros ou, até mesmo, repetir a série proposta inicialmente. ^{6,7,22}

Na avaliação da experiência, os participantes do grupo E assinalaram em 100% a alternativa: *"porque tive a oportunidade de constatar que problemas que me preocupam muitas vezes eram comuns ao grupo"*, justificando as razões de ter gostado de dela participar, o que confirma a afirmação de SCHUTZNERGER (1970) quando diz que vivências de grupo com dramatização promovem no indivíduo sentimento de apoio, de não estar só com o seu problema, de encontrar eco no grupo. ³²

Nas questões 07 e 08 do questionário, que objetivava a avaliar a atuação do diretor, pelos participantes, ficou evidenciado que estes a consideraram favorável ao bom desempenho do grupo, como também julgarem sua conduta não diretiva, na escolha dos

temas. ^{3 5}

Conviver em ambiente que se julga agradável, favorece e é ao mesmo tempo função de um bom relacionamento interpessoal. Todavia, a análise dos dados revelou que os alunos, tanto do grupo E quanto do grupo C, concordam que não há integração entre professores e alunos da escola pesquisada, o que é confirmado pelas questões nº 03, 05, 06, 08 e 09 do questionário (*ANEXO V*).

Houve concordância entre os dois grupos, com frequência relativa de 80%, ao afirmarem que as reivindicações feitas pelos alunos à escola não são atendidas - percepção essa que reflete elevado grau de descontentamento para com os professores e a equipe dirigente (questão 03).

As reuniões entre professores e alunos, para tratar de assuntos profissionais, permitiriam uma maior aproximação e identificação com colegas e professores, o que resultaria em benefício à qualidade do relacionamento interpessoal, além de propiciar conhecimentos sobre a profissão, permitindo-lhes estabelecer opiniões mais realísticas sobre a mesma^{3 5} (questão 05), como foi demonstrado no capítulo dos resultados: os dois grupos concordam com 80% de frequência relativa, ao afirmarem que estas não são realizadas na escola pesquisada.

O exercício do diálogo entre professores e alunos aproxima e contribui para o desenvolvimento das identificações tão necessárias ao processo de formação profissional. ^{1 2} Verificou-se neste estudo que, enquanto há, na opinião dos alunos, da parte dos professores a criação de oportunidades favorecendo o diálogo, mas estes voluntariamente, não os procuram para discutir sobre os papéis profissionais. Não há portanto, segundo os sujeitos da amostra, respostas dos alunos em buscar a ampliação de conhecimentos e aproximação interpessoal (questões 06 e 07).

Os alunos que afirmaram ter recebido advertências dos

professores apresentaram percentagem elevada de discordância quanto a merecerem tais advertências (questões 08 e 09). O mesmo não ocorre em relação às advertências feitas pelos colegas (questões 11 e 12).

O caráter tradicionalista do ensino pretendido pelas escolas de enfermagem ^{20,8,9} e a necessidade própria dos jovens de abrirem novos caminhos e modificarem velhos hábitos pode ser o responsável por esta discordância de opiniões, que sem dúvida interfere desfavoravelmente no relacionamento interpessoal dos indivíduos implicados nesta relação. ^{3,4}

Segundo *NOVAES (1975)*, quando se examina um relacionamento professor-aluno, é necessário levar em conta a reciprocidade implícita ao processo, sua repercussão nos comportamentos dos dois grupos, no clima psicológico da escola e considerar os condicionamentos contextuais, situacionais e injuncionais inerentes à interação social. ²⁶

De acordo com os resultados do Pós-teste, verificou-se não haver diferenças significativas entre os grupos E e C. Tal resultado leva a concluir que mutações ocorridas com o grupo experimental, no que se refere aos aspectos pesquisados, não são perceptíveis a um nível de significância de 5%, quando aplicado o teste do X^2 . Entretanto, segundo *BLEGER (1977)*, "*as modificações ocorridas no comportamento de um grupo são maiores do que ele pode demonstrar verbalmente ou acusar conscientemente, e isto é válido também para seus integrantes, considerados individualmente*".⁴

CAPÍTULO V
CONCLUSÕES E SUGESTÕES

A - CONCLUSÕES

De acordo com a literatura, os resultados obtidos e as limitações deste estudo, pode-se concluir que:

1. Os alunos que compuseram o grupo experimental e que, portanto, foram submetidos à experiência com dramatização, apresentaram reações favoráveis a esta vivência.
2. A melhora no relacionamento interpessoal só se deu entre os componentes do grupo experimental não atingindo a classe como um todo.
3. As razões apontadas como responsáveis pela não significância das mudanças ocorridas nos alunos foi atribuída, pelos participantes do grupo E, ao dimensionamento do tempo e a não extensão da mesma a todos os alunos da classe.
4. O tema que recebeu maior atenção dos alunos nas discussões e dramatizações durante a experiência foi o aspecto do relacionamento interpessoal, demonstrando ser este o assunto que mais preocupava o grupo no período de tempo em que se deu a experiência.
5. A maioria dos alunos dos dois grupos (90%) manifestou ver como boas as perspectivas da profissão de enfermeiro, o que foi reforçado pelo grupo E, quando demonstrou pouco interesse em discutir e dramatizar situações que abordavam este tema.
6. Todos os alunos submetidos à experiência com dramatização gostaram de vivê-la aceitariam novamente participar de programação semelhante e aprovam sua extensão a todos os alunos da classe.
7. Os componentes do grupo E apresentaram mudanças em seu comportamento enquanto grupo, que evoluiu de atitudes individualistas às mais socializadas.

8. A aplicação do teste χ^2 ao nível de significância de 5% levou a aceitação das hipóteses nulas $H0_1$ e $H0_2$ no momento do Pós-teste.

B - SUGESTÕES

Com base nos resultados e nas conclusões apresentados neste trabalho, sugere-se que nas escolas de enfermagem:

- . sejam previstas reuniões onde alunos e professores possam debater assuntos de interesse profissional;
- . nos currículos constem atividades que permitam desenvolver no futuro enfermeiro suas potencialidades, o exercício da reflexão, da análise crítica, da independência e da criatividade.

Se utilize da abordagem dramática na resolução de conflitos interpessoais, desde que obedecidas as seguintes condições :

- . que todos alunos interessados vivenciem igual experiência ;
- . que o número e duração dos encontros sejam estabelecidos a partir da necessidade expressa pelos alunos;
- . que os limites e soluções aos problemas apresentados pelos componentes do grupo, sejam encontrados e estabelecidos pelo próprio grupo.

ANEXOS

ANEXO I

Caro Aluno,

Este formulário visa a colher dados para a indentificação dos alunos interessados em participar do grupo, com o qual se rá desenvolvida a experiência com dramatização.

Sua resposta aos itens que se seguem possibilitará a constituição deste grupo.

Muito obrigada.

Silvéria F. Goulart

4. *Você está estagiando?*

() a. Sim

() b. Não

5. *Em caso afirmativo, assinale com um x a opção correta:*

() a. Centro de Saúde

() b. Unidade de internação de um hospital

() c. Ambulatório

() d. Outros. Especifique _____

6. *Há quanto tempo você está estagiando?*

() a. 1 - 2 semanas

() b. 3 - 4 semanas

() c. 5 - 6 semanas

() d. 7 ou mais semanas

7. *Você trabalha fora para ajudar a custear seus estudos?*

() a. Sim

() b. Não

ANEXO II

Caro Aluno,

Este questionário visa a colher sua opinião sobre alguns aspectos de sua relação com a escola que frequenta e a profissão que escolheu.

Para responder a ele com maior exatidão, leia com atenção as questões, consulte a folha de orientação em anexo ao final do mesmo e assinale apenas uma opção como resposta.

Suas respostas serão mantidas em sigilo e não é necessário assinar.

Muito obrigada.

Silvéria F. Goulart

QUESTIONÁRIO

1. *Frequenter aulas nesta escola é para você, de um modo geral, uma atividade agradável ?*
☐ a. Sim
☐ b. Não
2. *A seu ver, quando existem problemas de relacionamento entre alunos e professores desta escola, eles são resolvidos?*
☐ a. Ouvindo as partes interessadas
☐ b. Dando maior prioridade aos interesses do professor
☐ c. Não existe uma conduta fixa, variam em cada situação as condutas adotadas
3. *De um modo geral, as reivindicações feitas pelos alunos à escola são atendidas?*
☐ a. Sim
☐ b. Não
4. *Você considera que, atualmente, o ambiente existente em sua classe é favorável ao desenvolvimento de um bom relacionamento entre os colegas?*
☐ a. Sim
☐ b. Não
5. *Nesta escola são feitas reuniões entre professores e alunos para discussão de assuntos de interesse profissional?*
☐ a. Sim
☐ b. Não

6. *Você tem hábito de procurar seus professores para discutir sobre a aceitação dos papéis impostos pela profissão?*
- () a. Sim
- () b. Não
7. *Os professores desta escola favorecem as situações de diálogo sobre assuntos relativos à profissão?*
- () a. Sempre
- () b. Ocasionalmente
- () c. Nunca
8. *Você já foi chamado à atenção sobre atitudes consideradas pelos professores como inadequada?*
- () a. Sim
- () b. Não
9. *Em caso afirmativo, você considerou que esta sua atitude merecia repreensão?*
- () a. Sim
- () b. Não
10. *Você considera, de uma maneira geral, que há boa integração entre professores e alunos desta escola?*
- () a. Sim
- () b. Não
11. *Você já foi chamado à atenção por seus colegas sobre atitudes consideradas por eles inadequadas?*
- () a. Sim
- () b. Não

12. *Em caso afirmativo, você considerou que sua atitude merecia re-
preensão?*

() a. Sim

() b. Não

13. *Em sua turma, os problemas comuns são discutidos em classe, com
presença da maioria dos alunos?*

() a. Sim

() b. Não

14. *Atualmente você vê como boas as perspectivas quanto à profissão
de enfermeiro?*

() a. Sim

() b. Não

FOLHA DE ORIENTAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

Abaixo estão relacionados alguns itens deste questionário que trazem, aspectos que poderiam oferecer dúvidas ao serem respondidos e os respectivos esclarecimentos, que se julgaram necessários.

QUESTÕES ORIENTAÇÃO

- 04 Neste item você deverá tomar como referência, para sua resposta, o curso de enfermagem que você está frequentando, como um todo. *As atividades do curso*, aqui mencionadas, são as de: estágios, aulas práticas e teóricas, trabalhos didáticos, etc.
- 05 Como *assunto de interesse profissional*, subentendem-se aqueles referentes a mercado de trabalho, "*Status*" profissional, órgão de classe, etc.
- 06 Quando se disse *papéis impostos pela profissão*, procurou-se referir a atividades e/ou atitudes que se espera que alunos e enfermeiros desempenhem no exercício da profissão.
- 08 Nesta questão e na de número 14, chamaram-se *atitudes inadequadas*, os aspectos do comportamento do aluno que não foram apreciados pelos professores e colegas, por serem, segundo eles, não apropriados ao futuro profissional da enfermagem.

- 13 Espera-se que se entenda por *problemas comuns*, aqueles surgidos na escola e que dizem respeito ou que interessam à maior parte dos alunos de sua classe e/ou da escola.

ANEXO III

AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA COM DRAMATIZAÇÃO

1. Você gostou de participar desta experiência?

() a. Sim

() b. Não

2. Se gostou, assinale nas alternativas abaixo aquela(s) que justifica(m) sua resposta:

() a. Porque tive oportunidade de *discutir*, com o grupo, problemas que me preocupam

() b. Porque tive oportunidade de *conhecer* melhor meus colegas e permitir que os mesmos também me conhecessem

() c. Porque tive oportunidade de *constatar* que problemas que me preocupam muitas vezes eram comuns às preocupações dos demais participantes do grupo

() d. Porque tive oportunidade de *engajar-me* no grupo

3. Se não gostou, assinale abaixo a(s) alternativas(s) que justifica(m) sua resposta:

() a. Porque não tive oportunidade de discutir no grupo problemas que me preocupam

() b. Porque não tive oportunidade de conhecer melhor meus colegas e permitir que os mesmos me conhecessem

() c. Porque não tive oportunidade de melhorar meu relacionamento com meus colegas

() d. Porque, ao falar dos problemas que me preocupam, os colegas podem ter formado julgamentos errados a meu respeito

() e. Porque a experiência me pareceu uma estratégia, que pretendia mudar o nosso comportamento, fazendo com que nos tornássemos mais acomodados

4. *Você considera que o número total de encontros foi suficiente para atingir os objetivos a que a experiência se propõe?*

() a. Sim

() b. Não

5. *Você considera que o cronograma estabelecido, prevendo um encontro semanal, foi satisfatório?*

() a. Sim

() b. Não

6. *A duração de uma hora e trinta minutos para cada encontro foi satisfatória?*

() a. Sim

() b. Não

7. *Durante as dramatizações e discussões do grupo o diretor:*

() a. Propiciou momentos que facilitassem aos participantes conhecerem-se melhor?

() b. Promoveu um clima emocional que permitia o engajamento de todos?

() c. Sempre interferia, procurando fazer valer sua opinião?

() d. Deu oportunidade a que todos expressassem suas idéias?

() e. Deu mais atenção a uns participantes que a outros?

() f. Deixou que o grupo chegasse às suas próprias conclusões?

8. *Os temas abordados pelo grupo foram:*

- ☐ a. Impostos pelo diretor
- ☐ b. Sugeridos pelo grupo
- ☐ c. Sugeridos pelo diretor, com aprovação do grupo

9. *Se lhe fosse oferecida nova oportunidade de participar de experiência semelhante a esta, você aceitaria?*

- ☐ a. Sim
- ☐ b. Não

10. *Você é favorável a que esta experiência seja estendida a todos os seus colegas?*

- ☐ a. Sim
- ☐ b. Não

11. *Coloque abaixo outras observações, críticas ou sugestões que gostaria de fazer.*

ANEXO IV

PERCENTUAL DE AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA COM DRAMATIZAÇÃO VIVENCIADA POR UM GRUPO DE ALUNOS DE ENFERMAGEM NO
INÍCIO DO CICLO PROFISSIONALIZANTE

ITENS DO QUESTIONÁRIO	F	%
1. <i>Você gostou de participar desta experiência?</i>		
a. Sim	10	100
b. Não	-	-
2. <i>Se gostou, assinale, nas alternativas abaixo aquela(s) que justifica(m) sua resposta:</i>		
a. Porque tive oportunidade de discutir, com o grupo, problemas que me preocupam.	9	90
b. Porque tive oportunidade de conhecer melhor meus colegas e permitir que os mesmos também me conhecessem.	9	90
c. Porque tive oportunidade de constatar que problemas que me preocupam muitas vezes eram comuns às preocupações dos demais participantes do grupo.	10	100
d. Porque tive oportunidade de engajar-me no grupo.	5	50
3. <i>Se não gostou, assinale abaixo a(s) alternativa(s) que justifica(m) sua resposta:</i>		
a. Porque não tive oportunidade de discutir no grupo problemas que me preocupam.	-	-
b. Porque não tive oportunidade de conhecer melhor meus colegas e permitir que os mesmos me conhecessem.	-	-
c. Porque não tive oportunidade de melhorar meu relacionamento com meus colegas.	-	-
d. Porque, ao falar dos problemas que me preocupam, os colegas podem ter formado julgamentos errados a meu respeito.	-	-
e. Porque a experiência pareceu-me uma estratégia, que pretendia mudar o nosso comportamento, fazendo com que nos tornássemos mais acomodados.	-	-
4. <i>Você considera que o número total de encontros foi suficiente para atingir os objetivos a que a experiência se propôs?</i>		
a. Sim	3	30
b. Não	7	70
5. <i>Você considera que o cronograma estabelecido, prevendo um encontro semanal, foi satisfatório?</i>		
a. Sim	2	20
b. Não	8	80
6. <i>A duração de uma hora e trinta minutos para cada encontro foi satisfatório?</i>		
a. Sim	5	50
b. Não	5	50
7. <i>Durante as dramatizações e discussões do grupo, o diretor:</i>		
a. Propiciou momentos que facilitassem aos participantes conhecerem-se melhor?	9	90
b. Promoveu um clima emocional que permitia o engajamento de todos?	8	80
c. Sempre interferia, procurando fazer valer sua opinião?	-	-
d. Deu oportunidade a que todos expressassem suas idéias?	10	100
e. Deu mais atenção a uns participantes que a outros?	-	-
f. Deixou que o grupo chegasse às suas próprias conclusões?	9	90
8. <i>Os temas abordados pelo grupo foram:</i>		
a. Impostos pelo diretor?	-	-
b. Sugeridos pelo grupo?	6	60
c. Sugeridos pelo diretor com aprovação do grupo?	9	90
9. <i>Se lhe fosse oferecida nova oportunidade de participar de experiência semelhante a esta, você aceitaria?</i>		
a. Sim	10	100
b. Não	-	-
10. <i>Você é favorável a que esta experiência seja estendida a todos os seus colegas?</i>		
a. Sim	10	100
b. Não	-	-

ANEXO V

QUADRO COMPARATIVO DOS RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA COM DRAMATIZAÇÃO VIVENCIADA POR ALUNOS DE ENFERMAGEM
NO INÍCIO DO CICLO PROFISSIONALIZANTE

ITENS DO QUESTIONÁRIO	CURSOS							
	EXPERIMENTAL				CONTROLE			
	PRÉ-TESTE		PÓS-TESTE		PRÉ-TESTE		PÓS-TESTE	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1. Frequentar aulas nesta escola é para você, de um modo geral, uma atividade agradável? a. Sim b. Não	10 -	100 -	8 2	80 20	7 3	70 30	6 4	60 40
2. A seu ver, quando existem problemas de relacionamento entre alunos e professores desta escola, eles são resolvidos: a. Ouvindo as partes interessadas b. Dando maior prioridade aos interesses do professor c. Não existe uma conduta fixa, variam em cada situação as condutas adotadas	- 3 7	- 30 70	- 6 4	- 60 40	1 5 4	10 50 40	- 3 7	- 30 70
3. De um modo geral, as reivindicações feitas pelos alunos à escola são atendidas? a. Sim b. Não	3 7	30 70	2 8	20 80	6 4	60 40	5 5	50 50
4. Você considera que, atualmente, o ambiente existente em classe é favorável ao desenvolvimento de um bom relacionamento entre os colegas? a. Sim b. Não	6 4	60 40	6 4	60 40	8 2	80 20	9 1	90 10
5. Nesta escola são feitas reuniões entre professores e alunos para discussão de assuntos de interesse profissional? a. Sim b. Não	1 9	10 90	2 8	20 80	- 10	- 100	2 8	20 80
6. Você tem hábito de procurar seus professores para discutir sobre a aceitação de papéis impostos pela profissão? a. Sim b. Não	- 10	- 100	- 10	- 100	2 8	20 80	2 8	20 80
7. Os professores desta escola favorecem as situações de diálogo sobre assuntos relativos à profissão? a. Sempre b. Ocasionalmente c. Nunca	- 10 -	- 100 -	- 10 -	- 100 -	1 9 -	10 90 -	- 8 2	- 80 20
8. Você já foi chamado à atenção sobre atitudes consideradas pelos professores como inadequadas? a. Sim b. Não	2 8	20 80	3 7	30 70	2 8	20 80	2 8	20 80
9. Em caso afirmativo, você considerou que esta atitude merecia reprimenda? a. Sim b. Não	- 2	- 20	- 3	- 30	1 1	10 10	1 1	10 10
10. Você considera, de uma maneira geral, que há integração entre professores e alunos desta escola? a. Sim b. Não	3 7	30 70	4 6	40 60	5 5	50 50	5 5	50 50
11. Você já foi chamado à atenção por seus colegas sobre atitudes consideradas por eles inadequadas? a. Sim b. Não	5 5	50 50	5 5	50 50	1 9	10 90	2 8	20 80
12. Em caso afirmativo, você considerou que tal atitude merecia reprimenda? a. Sim b. Não	4 1	40 10	4 1	40 10	- 1	- 10	2 -	20 -
13. Em sua turma, os problemas comuns são discutidos com a presença da maioria dos alunos? a. Sim b. Não	9 1	90 10	8 2	80 20	10 -	100 -	6 4	60 40
14. Atualmente, você vê como boas as perspectivas quanto à futura profissão? a. Sim b. Não	9 1	90 10	9 1	90 10	9 1	90 10	9 1	90 10

*ANEXO VI**RELATÓRIOS DOS ENCONTROS DA EXPERIÊNCIA COM DRAMATIZAÇÃO*

Durante a experiência com dramatização o diretor, baseando-se em anotações e observações feitas em cada encontro, registrou as cenas trabalhadas, as técnicas dramáticas utilizadas e as avaliações feitas pelos participantes.

Estes registros estão relatados a seguir. Neles, os nomes utilizados para designar os alunos participantes são fictícios.

*PRIMEIRO ENCONTRO**AQUECIMENTO:*

O diretor propõe aos participantes que todos se apresentem e que digam, além do nome, os motivos pelos quais procuraram fazer enfermagem, e como estão se sentindo no momento em relação à escolha feita, bem como quanto às perspectivas como futuros profissionais.

Terminada a apresentação, o diretor propõe que os participantes troquem de lugar com aquele(s) colega(s) com o(s) quais mais se identificaram e a seguir digam o porquê da identificação.

AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE:

Um participante disse que gostou de saber que outras pessoas pensavam como ele.

Marcos disse que, no seu caso, deveria dirigir-se a uma cadeira vazia, porque certamente ninguém se identificaria com ele. Disse ainda que não pretendia sair da enfermagem, mas que faria medicina para melhor exercer a função de enfermeiro.

O grupo reagiu desfavoravelmente à maioria das colocações feitas por ele, o que o levou a tentar se justificar, mas que reverteu em maior dificuldade de aceitação de suas idéias, tornando-o cada vez mais embaraçado.

As discussões foram convergindo para o enfoque do futuro profissional que serão. Diziam não saber se seriam tão corretos como pretendiam seus professores. A esta altura da discussão, duas posições antagônicas se formaram no grupo.

O diretor propõe então, que a discussão se convertesse em uma cena, onde duas colegas se encontrariam cinco anos após terem se formado. Uma delas teria conseguido exercer a profissão de maneira correta, imerecedora de críticas; a outra cedera às tentações e estaria praticando uma má enfermagem.

DRAMATIZAÇÃO:

A cena se inicia com duas colegas se encontrando ocasionalmente. Uma observa como a outra está bem vestida, tem um carro e então pergunta à colega como conseguiu tudo isso em tão pouco tempo.

A enfermeira questionada responde que se tem arranjado muito bem: *"dei meu nome como enfermeira para algumas clínicas, fiz algumas tramóias, comprei meu apartamento e meu carro e estou numa boa"*.

A colega se horroriza com seu relato e lhe pergunta sobre os preceitos éticos aprendidos na escola, se ela não se envergonhava de trair os ideais profissionais.

A "má" enfermeira se defende, baseando-se em suas necessidades econômicas e nas tentações impostas pela sociedade.

A "boa" enfermeira tenta convencer a colega do seu erro mas não consegue. A cena é interrompida.

AVALIAÇÃO:

Enfermeira mãe (Berta): - Eu me proponho a ser uma boa profissional, mas não sei qual será o meu futuro. Os argumentos a apresentados por Jane não me convenceram. Na hora da dificuldade a gente faz de tudo.

Enfermeira boa (Jane): - Uma pessoa que faz isto é porque traz de dentro de si a maldade. Não é possível se modificartanto por motivos financeiros.

Vânia: - O futuro é uma incógnita. Não sei se também não serei uma mãe enfermeira.

Marta: - As pressões sociais levam a pessoa a fazer coisas de que duvida.

Glória: - Para pessoas que agem assim, só a punição resolveria.

Regina: - Uma pessoa deste tipo só mudaria se acontecesse uma tragédia, como a morte de um paciente.

Bruno: - A maioria dos enfermeiros têm um pouco das duas enfermeiras aqui representadas. Ninguém é completamente bom ou mau.

Marcos: - Ninguém é perfeito.

Eva: - A enfermeira mãe estava mais convincente, ela soube defender melhor seus pontos de vista.

Paulo: - Não quis opinar.

SEGUNDO ENCONTRO

Todos os participantes compareceram ao encontro na hora certa e local predeterminado.

AQUECIMENTO:

O diretor propõe que um voluntário relate a experiência vivida pelo grupo, como um todo, no encontro da semana an

terior. O participante deveria dizer o que, segundo ele, teria significado para o grupo esta experiência.³³

Imediatamente um participante se ofereceu para falar sobre o tema. A seguir outros participantes completaram o que o primeiro havia dito:

- Foi proveitoso, todos gostaram.
- Foi uma oportunidade de trocar idéias.
- Estávamos todos ansiosos para chegar novamente a terça-feira.

O diretor pergunta se alguém teria mais alguma coisa a colocar ou se queriam encenar alguma vivência do grupo,

Uma aluna propõe que se continue a discutir o problema de relacionamento do grupo com o participante Marcos, que no último encontro havia-se desentendido com o grupo, sobre algumas idéias expostas por ele também em outras oportunidades, durante as aulas.

O diretor pergunta a Marcos se ele aceitaria que se discutisse o problema. Marcos aceita e o diretor propõe então que ele convide algumas pessoas do grupo para irem a um "bar", para discutirem sobre o assunto.

Marcos: - Não poderia ser aqui mesmo?

Marta: - O bar é só simbólico.

Diretor: - O bar é para propor uma idéia de estar à vontade, de descontração.

Marcos escolhe então Marta para ir com ele ao "bar", e perguntar ao diretor se este também poderia ser escolhido. O diretor diz que sim e então três cadeiras são colocadas no centro do círculo, iniciando-se a cena.²²

DRAMATIZAÇÃO:

Assentados ao redor de uma "mesa" conversam Marcos, Jane e o diretor. (atuando como *ego auxiliar*),

Marta: - Por que você não pensa antes de falar? Você acaba dizendo tanta bobagem!

Marcos: - Eu sempre digo coisas importantes, pelo menos para mim.

Marta: - Mas às vezes em horas inadequadas, como por exemplo: o que você tinha de falar sobre aborto na aula de D. Fulana? Além disso, você faz perguntas de respostas tão evidentes! Às vezes parece que você faz isto para desmerecer o nosso curso, porque o considera de mulher. Suas idéias são sempre muito machistas, você ofende a gente com seu comportamento!

Ego - Eu penso que você tem qualquer grilo com esta história
auxiliar: de aborto, porque vive falando nisto.

Marcos: - Não, eu só falo em aborto porque sou a favor dele.

Marta: - Mas para que ficar falando e nas horas mais impróprias?

Ego - Será que você fez alguma coisa de que se tem arrependi
auxiliar: do e por isto sente tanta vontade de falar no assunto?

Marcos: - Eu gosto de expor minhas idéias, de discutir pontos de vista e isto não me parece ser proibido, ou é?

Marta: - Sabe o que me irrita em você? É esta mania de falar sem pensar e nas horas mais impróprias.

O diretor propõe uma inversão de papéis: Marcos passa a ser o diretor e vice-versa. A discussão continua no mesmo tom, com o diretor fazendo o duplo de Marcos e Marta o acusando severamente de alienação frente à turma, de não assumi-la definitivamente.

Passados alguns minutos, nova inversão de papel é feita e desta vez Marta faz o papel de Marcos, o diretor de Marta e

Marcos do diretor. "*Marcos*", representado por Marta, é duramente agredido e inquirido por "*Marta*" e pelo "*ego-auxiliar*". Nesta fase da cena continuou-se a acusar "*Marcos*" do seu machismo, do seu desprezo pela profissão de enfermeiro e pelas colegas do sexo feminino.

AVALIAÇÃO:

Marcos: - Muita coisa não foi real. Apresento dúvidas, porque as tenho. O que foi dito aqui reflete, de alguma forma, a verdade.

Marta: - Eu me senti a última pessoa da face da terra, quando fiz o papel de Marcos. Não aguentaria tanta pressão em cima de mim assim nem um dia.

Marcos: - Está vendo? Agora vocês sabem o que eu sinto.

Diretor: - Senti um grande interesse do grupo pelo Marcos, à medida que estão sempre insistindo em discutir suas dificuldades, como se quisessem dizer que não o querem distante, separado do grupo.

Vânia: - Marcos, você vestiu uma capa de machão numa turma de mulheres, e não está dando a menor bola pelo que foi dito. O que mais nos ofende é que você demonstrar rejeitar nossa profissão, por ser uma profissão feminina.

Berta: - Se você continuar pensando assim, você está perdido. Você não deve pensar em se acomodar, mas em fazer o que você realmente gosta. Esta sua acomodação na profissão nos agride, a sua idéia de aborto nos agride.

Jane: - Estamos sendo preparados para preservar a vida e não para tirá-la. Eu ainda quero lhe dizer que suas perguntas são feitas, na maioria das vezes, para agredir, só por perguntar. São perguntas feitas para di-

minuir o grupo.

Bruno: - Eu não acho que Marcos faz isto para agredir, só acho que ele não raciocina antes de falar. Ele precisa organizar melhor suas idéias, seu pensamento.

Eva: - Acho que o problema de Marcos é de "*status*", vontade de aparecer. Você precisa organizar seu pensamento antes de falar. O assunto do aborto, por exemplo é sempre colocado nas horas mais impróprias.

Glória: - Procure decidir sua vida, tente orientar o seu futuro.

Paulo: - Não acredito que ele seja favorável ao aborto. Diz as coisas só para ser do contra.

Regina: - Eu não sinto rejeição pelo Marcos. Eu também sou tímida e muitas vezes tenho dúvidas, só que procuro pensar primeiro antes de perguntar.

Diretor: - Nesta cena ficou bem clara a preocupação de todos em trazer Marcos para junto do grupo e de como o grupo se sente rejeitado por ele.

Vocês teriam alguma outra situação que gostariam de encenar? Vânia propõe uma cena em que um professor, enquanto demonstra como se faz uma técnica asséptica, é interpelado por Marcos, que lhe pergunta o que fazer se, durante tal atividade, o material cair no chão. O professor diz que não vai nem responder, mostrando-se muito impaciente.

Para a cena, Vânia escolhe Jane para ser o professor e a si para fazer o papel de Marcos.

Inicia-se a cena, com o professor demonstrando a técnica..

Marcos: - (Vânia) Professor e se de repente cair todo o material no chão, o que se deve fazer?

Professor: - ??? (desacata o aluno fazendo alusão ao seu "*baixo*" ní-

vel intelectual),

Marcos: - Mas por que não? Eu quero saber.

Professor: - ??? (novamente se irrita com o aluno).

Subitamente Vânia se afasta do local da cena e diz que não aguenta mais fazer o papel deste professor, porque o considera muito agressivo e não concorda com a maneira como trata os alunos.

O diretor propõe que a cena seja invertida, com trocas de papéis, mas Jane não aceita fazer o papel do professor.

Os participantes do grupo tornam-se inquietos, demonstrando ter-se tocado num assunto gerador de grande ansiedade para os participantes.

O diretor propõe então que seja feita uma cena, na qual Vânia se encontra com este professor e lhe diz tudo que sente por ele e que não conseguiria dizer em outras oportunidades.

Para esta cena, o diretor, como ego-auxiliar faz o papel do professor e Vânia, o seu próprio papel.

Professor: - Eu vou dizer a vocês uma coisa, já estou cheio de dar aulas para esta turma. A outra turma é que era boa, *(Ego auxiliar)* vocês têm baixo QI. Eu já ando cansado de dar aulas para gente burra.

Vânia: - O senhor é muito intolerante, bem que poderia ser mais amável com os alunos. Deus me livre de ser como o senhor, parece que não tem sentimentos!

A cena prossegue mais alguns minutos, com os atores trocando agressividades. O diretor interrompe a cena e propõe a inversão de papéis. Vânia novamente não consegue fazer o papel do professor. O diretor convida outros participantes para fazê-lo, mas todos se recusam.

AVALIAÇÃO:

- Vânia:* - Não consigo encená-lo. Não aceito o que ele faz e como se comunica com os alunos, ridicularizando-os e humilhando-os. Tenho muito medo dele.
- Jane:* - Ele humilha, faz comparações, diz sempre que as pessoas têm baixo QI.
- Berta:* - Sinto tanta vontade de agredi-lo, esta é minha maior necessidade.
- Marcos:* - Tenho medo de ser reprovado. O que sinto por ele não é respeito e sim, medo.
- Bruno:* - Ele tem sempre argumento para tudo o que lhe é dito e se prevalece da sua posição e possibilidade de reprovar para nos controlar. Ando tão angustiado que tem hora que penso que não vou aguentar.
- Marta:* - Ele me traumatizou. Sempre amedronta muito os colegas, tenho tentado ver suas qualidades para melhorar as coisas, tentando amaciar nossa relação.
- Paulo:* - Não sinto respeito por ele e sim, medo. Não consigo nem chegar perto dele. Por melhor que ele seja, quero-o bem longe de mim.
- Glória:* - Já viemos com medo dele por informação de outras turmas. Nisso há muito de preconceito.
- Eva:* - Há um pouco de fantasia, mas ele é agressivo mesmo. E eu acho que este assunto deveria ser novamente discutido, porque tem muita gente com problemas sérios de relacionamento com ele e é melhor estas pessoas pensarem como resolver o problema.
- Regina:* - Eu me perco diante dele. Nem gosto de passar perto, mas tenho tentado nelhorar. Acho que suas agressões ultrapassam os conhecimentos que possa ter. Ele bloqueia

qualquer um com sua conduta.

Diretor: - Alguém poderia fazer um solilóquio dos sentimentos experimentados pelo grupo hoje?^{7, 28}

Voluntários:

- Estamos mais perto uns dos outros.
- Bom seria se toda turma tivesse a oportunidade de fazer esta experiência.
- Estamos desabafando, e isto é muito bom.

TERCEIRO ENCONTRO

AQUECIMENTO:

O diretor solicita que se fale sobre a vivência do grupo na semana que passou.³³ Os participantes tornam-se reticentes em suas colocações e dizem que nada de novo aconteceu.

- Tudo velho, diz um deles, apenas temos grande ansiedade para que chegue terça-feira e um novo encontro.

DRAMATIZAÇÃO:

Baseado nas dificuldades demonstradas pelo grupo na semana anterior, o diretor compõe uma cena que envolvia uma situação semelhante à vivida por eles, para que o tema pudesse ser abordado sem maiores dificuldades.⁶

A cena era a seguinte: Um patrão muito exigente e ameaçador agride o empregado que, necessitando muito do emprego, sente-se humilhado, mas engole todas as agressões, sem reagir.

Depois que o patrão se afasta, fala sozinho e diz todo ódio e medo que tem dele. Resolve, então, consultar uma pessoa amiga que julga mais experiente, para se aconselhar sobre a melhor conduta a assumir em tal situação.

A orientação da cena foi a seguinte: qualquer um pode-

ria ser o patrão, o empregado ou o amigo, bastando para isto que se colocasse próximo ao ator que estivesse fazendo o papel da personagem escolhida, da cena já em andamento.

Fracionou-se a cena várias vezes, com troca de papéis de atores. Fez-se voluntariamente, por parte dos participantes duplos e à parte.

Na terceira fase da cena, quando o empregado procura ajuda de uma pessoa experiente, a cena deixou de ser simbólica e passou a retratar a situação professor-aluno, como vivida e verbalizada pelo grupo.

Discutiu-se intensamente sobre que conduta tomar frente a esta situação conflituosa. Todos emitiam opiniões e propunham soluções. Entretanto, ao final da dramatização, não se havia ainda chegado a uma conclusão definitiva.

AVALIAÇÃO:

- Bruno:* - Não sei se reclamo tanto dele para me fazer de vítima, mas nossa relação me aborrece muito. A melhor maneira que encontrei até agora para contornar o problema, foi dar o desprezo. Acho que se vier a procurá-lo, como sugerido, vai ser pior.
- Regina:* - A conversa pode significar um rebaixamento da parte da gente. O meu problema é igual ao dele.
- Eva:* - A cena feita retrata a realidade, o normal. Se a gente pudesse falar mais sobre este assunto seria bom, para ajudar ao Bruno. Acho que desprezo não vai ser uma boa medida.
- Marta:* - Para dizer tudo isto que dissemos aqui, valia uma conversa com ele. Eu estou me sentindo muito mal. Tenho medo de abrir o livro.

Vânia: - Penso que antes que haja esta conversa, Bruno e os outros devem mudar sua atitude para com ele. Neste clima não se conseguirá nada.

Marcos: - Não vejo nenhum deboche no Bruno, como o grupo sugeriu. O que o professor quer é encontrar uma vítima. Ele é fraco e quer mostrar uma força que não tem.

Glória: - Se ele chegasse para Eva e fizesse o que faz com Bruno, a reação seria outra.

Paulo: - Ele nos leva em suas águas.

Jane: - Com medo não dá. O melhor é ir numa boa.

Berta: - Concordo que a aproximação é a melhor saída.

O diretor pergunta ao grupo se haveria alguma outra situação que gostariam de abordar dramaticamente. Vânia propõe uma nova cena, que retratava um conflito ocorrido entre os colegas de classe.

Segundo ela, têm uma colega a quem chamaria Maria, que ultimamente mudou muito seu comportamento para com um pequeno grupo, com o qual costumava estudar. Tornou-se distante, deixou de relacionar-se com o grupo, como vinha fazendo antes. Procurou-se falar com ela, mas não houve qualquer resultado positivo.

DRAMATIZAÇÃO:

Durante a dramatização, que teve como atores, Vânia, Jane, Glória e Marta, utilizou-se o duplo, a inversão de papéis, a troca de atores e o diálogo.

A cena mostrou uma situação de atrito entre elementos de um pequeno grupo, e ao afastamento de um deles que, posteriormente, volta a procurar o convívio do grupo, mas é por ele rejeitado. Atribuem a rejeição ao fato de não acreditarem que ela era sincera, considerando o afastamento de Maria definitivo (a cena

mostrou uma inversão dos fatos propostos, mas a avaliação reuniu as duas situações).

AVALIAÇÃO:

- Jane:* - Não consegui me colocar no lugar de Maria. Sua conduta me é muito estranha, não consegui vestir sua capa.
- Vânia:* - Ela sempre foi mimada e nós a colocamos no centro de todas as conversas. Somos um pouco responsáveis pelo que aconteceu.
- Regina:* - Senti sinceridade na proposta do grupo ao procurar Maria, mas sua indiferença fez com que vocês se sentissem mal.
- Eva:* - Vocês colocaram Maria no auge, ela era a dona do carro em que ficavam reunidas conversando, tinham carona etc. Você tem um pouco de inveja dela por sua posição sócio-econômica.
- Berta:* - Acho que Maria colocou mil desculpas para uma atitude que já queria tomar há muito tempo, ou seja, dar o fora no grupo.
- Marcos:* - Ela não estava a fim de nada.
- Marta:* - Os argumentos para o seu afastamento não convenceram.
- Glória:* - A culpa foi de vocês, por a terem bajulado muito.
- Bruno:* - Se ela procurou vocês para conversar, estão exagerando os seus defeitos. Talvez ela queira reatar a amizade.
- Paulo:* - Não quero falar sobre o assunto.

AVALIAÇÃO DO DIRETOR:

Senti no grupo ressentimento pela posição assumida por Maria, certa inveja por sua posição econômica e sofrimento pelos sentimentos de rejeição experimentados.

AVALIAÇÃO FINAL:

O diretor solicita um voluntário para colocar suas impressões sobre a experiência do grupo naquele dia:

- A gente põe tanta coisa pra fora, que a semana transcorre mais calma.

- Só de ter com quem falar, já é melhor, alivia a gente.

- Vemos as pessoas diferentes, depois de cada experiência. Conhecemos os outros melhor e nos sentimos mais amigos.

QUARTO ENCONTRO

Ao chegarem, os participantes mostravam-se tristes e silenciosos. Inquiridos sobre os motivos que os levaram a se sentirem assim, responderam que se tratava do fato de já anteverem o fim da experiência, e também por terem ficado duas semanas sem se encontrarem.

O diretor solicita que os participantes relatem algum sonho, pensamento ou conversa que teriam tido sobre a experiência, fora do encontro do grupo. ^{29, 33}

Bruno: - Nunca sonhei com a experiência, mas já pensei sobre ela. Pensei que quando se falou em guardar o sigilo do grupo, se tratasse de coisas muito sérias, agora vejo que não é como pensei. Nenhum assunto aqui tratado iria com prometer qualquer pessoa. Se o colega x, que se recusou a participar, soubesse como tudo ia correr, teria vindo participar e teria sido muito bom para ele.

Glória: - Eu já pensei que esta experiência deveria ser mais demorada, já estou lamentando o seu fim, que está próximo. Temos tanta coisa ainda a discutir.

Vânia: - Poderíamos continuar depois? Eu gostaria.

O diretor pergunta se teriam algum assunto sobre o qual gostariam de discutir. Como os participantes se mostrassem reticentes, disse-lhes que havia montado, com base nas discussões anteriores, duas cenas. Uma delas que falava do problema das perspectivas profissionais, e a outra que envolvia a situação do aborto.

Diretor: - Sobre qual destes dois assuntos gostariam de falar?

O grupo decidiu que a cena do aborto era mais interessante.

Berta: - Não suporto mais falar deste assunto sobre o futuro profissional, empregos, salários, diretores de hospital, etc.

A cena proposta e aceita é a seguinte: Uma jovem se engravida antes do casamento e vai comunicar o fato a seu namorado. Este se recusa a assumir o filho e lhe diz que tem dúvidas de que seja seu filho realmente.

Os atores da cena foram: Vânia, no papel do namorado e Marta, no papel da moça que se engravidou.

A cena se desenrola como proposta, mas Berta interrompe, dizendo que não acredita que um namorado possa fazer uma coisa assim tão absurda, comportar-se tão friamente em uma situação como esta.

Berta: - Acho que os namorados sempre se envolvem com o problema da namorada, tentando ajudá-la.

Berta reformula então a cena e se propõe a fazer o papel do namorado, enquanto Vânia desempenha o da moça.

Vânia: - Estou grávida, desesperada, não posso deixar que minha família saiba disso. Não sei o que fazer.

Berta: - Eu não vou te abandonar. Conheço um médico que faz aborto e vou levá-la até lá.

Vânia: - Mas eu tenho medo disso, dizem que é grave e que a mulher pode até morrer.

Berta: - O que você quer que eu faça? Quer que eu me case com você? Eu não posso fazer isto, sou muito jovem, estou estudando ainda, não posso assumir esta responsabilidade.

Vânia: - Mas eu não tenho coragem de matar meu filho e estou desesperada. O que devo fazer?

Berta: - Bem, eu já lhe disse qual é a minha posição. Eu gosto de você, mas casar agora não dá, se você resolver fazer o aborto, sabe onde me encontrar.

O namorado abandona a cena e a moça fica se lamentando e chorando sozinha; resolve então procurar uma amiga enfermeira, para que esta lhe dê conselhos.

O diretor assume o papel da enfermeira procurada por Vânia e diz que acha melhor que ela assuma seu filho, custe o que custar. Lembra os problemas éticos e de saúde que envolvem a situação.

A moça ainda tenta a solução do seu problema e procura outra enfermeira para se aconselhar. Desta vez, escolhe Marcos para o papel de enfermeiro-conselheiro.

Marcos: - O que eu acho é que você deve fazer o aborto; se quiser, posso fazê-lo para você. Só não garanto nada quanto ao futuro.

Vânia: - Mas como não garante? Eu vou te pagar, que segurança eu terei?

Marcos: - Nenhuma. Se você quiser, pode marcar uma hora.

Vânia: - Mas você como enfermeiro aprendeu a fazer aborto?

Marcos: - Aprender eu não aprendi, mas a gente dá um geitinho.

AVALIAÇÃO:

- Berta:* - Eu também sou a favor do aborto em situações como esta.
- Jane:* - Você tem que dar chance à criança de lutar. Não se pode negar a vida.
- Berta:* - A vida precária do filho não lhe permitiria nada, por isto sou a favor do aborto, desde que necessário. Em situações como esta dramatizada, mais tarde eu poderia até ter ódio do meu filho.
- Marcos:* - O filho seria como um dente que estivesse incomodando.
- Glória:* - Desde quando filho é igual a dente? O que que é isso!!
- Eva:* - Não conheço nenhum caso tão grave assim, que a família venha a rejeitar inteiramente a pessoa.
- Bruno:* - Cada um está se colocando como se estivesse nesta situação. Se fosse no meu caso, eu daria inteiro apoio para a minha namorada. Eu imagino que seria muito terrível saber que o meu filho estaria sendo assassinado. Eu não sei o que dizer.
- Vânia:* - O problema todo é a família. A sociedade só prejudica seriamente, se a família não der apoio. A minha, sei que apoiaria.
- Regina:* - Eu não faria o aborto em hipótese nenhuma, porque já sou cheia de grilos. Não seria capaz. O filho seria um drama muito grande, não pela família e sim por mim. Não tenho estrutura.
- Paulo:* - Sou contra o aborto, como qualquer coisa que negue a vida. Não temos o direito de negar a vida.
- Marta:* - Eu não faria o aborto e aceitaria o filho. Se eu assumi um relacionamento, devo também assumir suas consequências.

AVALIAÇÃO FINAL:

O diretor solicita dos participantes uma avaliação que abrangesse a experiência do dia como um todo.

Vânia: - O assunto mexe muito, deu para acender.

Jane: - A mim este assunto me deprime, especialmente porque só atinge as mulheres. Os homens nunca se preocupam ou se envolvem com este tipo de problema.

Marcos: - No começo do assunto fiquei muito confuso, mas acho que depende muito do caso.

Eva: - Isto de achar que os homens não se preocupam com este problema é bobagem. Eu acho que eles também se preocupam.

Glória: - Eu me senti deprimida porque me toquei muito. Emocionei-me demais.

Bruno: - Eu, como homem, não gostaria de saber que meu filho com uma garota seria abortado. Eu me preocupo muito com isto, sim.

Berta: - Acho que a gente está sendo muito radical de achar que os homens não se tocariam pelo problema do aborto. O filho também é deles.

Marta: - Eu não me coloquei nesta cena, fiquei só observando. Não senti nada.

Paulo: - Não quero mais falar sobre o assunto.

Regina: - Nem eu.

QUINTO ENCONTRO

O encontro se inicia com o diretor propondo ao grupo, como exercício de aquecimento, que um até quatro voluntários assumiriam o papel de vendedores de uma loja imaginada por eles, e que venderia o que desejassem: o real, e o imaginário, o possível

e o impossível, o passado, o presente e o futuro, os sonhos, os desejos, o que se quisesse. O preço não poderia ser pago em dinheiro e estaria na cabeça do cliente, este ofereceria o pagamento que poderia ou não ser aceito pelo vendedor.^{3 3}

Três participantes se apresentaram como voluntários e anunciaram a natureza do que estavam vendendo: Vânia disse que em sua "boutique" venderia carinho, amor, felicidade e sonho. Sua loja estaria sempre por perto de quem necessitasse e todos poderiam nela comprar.

Jane informou que em sua "boutique" venderia o que fosse necessário, o que a pessoa mais necessitasse no momento. Sua loja estaria onde a pessoa a procurasse.

Marta: - Eu venderei tudo que é feito de carne e osso. Em pedaços, um corpo em partes, estas partes em pedacinhos, para ser pago em prestações. Funcionarei em qualquer lugar.

COMPRADORES:

Glória: - Quero comprar uma pessoa, dirigindo-se à vendedora Marta.

Vendedora: - O que você me dá em troca?

Glória: - Prometo que serei boazinha, fiel, darei amor, serei tam bém desta pessoa, cuidarei dela.

Vendedora: - O que me oferece é muito pouco, não te venderei.

Regina: - Quero comprar segurança e confiança, dirigindo-se à vendedora Jane.

Vendedora: - E o que tem para me oferecer?

Regina: - Eu ofereço boa vontade e empenho em conseguí-los.

Vendedora: - Está bem, eu vendo.

Berta: - Eu quero comprar um sonho: ganhar na loteria esportiva.

Vendedora (Vânia): - O que me dará em troca?

Berta: - Prometo utilizar bem o dinheiro.

Vendedora: - Mas utilizar bem para quem?

Berta: - Para mim e meus familiares.

Vendedora: - Você não tem nada mais para me oferecer?

Berta: - O que mais você quer? Que eu dê meu dinheiro para os outros? Isto eu não farei.

Vendedora: - Então lhe vendo este sonho.

Glória: - Quero comprar a máquina do tempo e fazer estes dois anos passarem depressa.

Vendedora (Jane): - O que me oferece em troca?

Glória: - Nos anos que pretendo que cheguem logo, oferecerei amor, abnegação e dedicação em tudo que vir a fazer.

Vendedora: - Não venderei o que me pede, porque o tempo deve passar em ritmo normal. Demorar o quanto for necessário.

Vânia diz que também quer comprar e se dirige à "boutique" de Jane: Estou num buraco e quero comprar confiança, porque isto está faltando em mim.

Vendedora: - O que tem para me oferecer?

Vânia: - Ofereço agradecimento, honestidade nos meus atos e muito trabalho.

Vendedora: - Lamento, mas não posso vender a este preço o que me pede.

Glória: - Quero comprar um lar com seis filhos e marido. Com cortinas esvoaçando nas janelas, almofadas com rendas nas beiradas.

Vendedora (Jane): - O que me dá em troca?

Glória: - Amor, dedicação, abnegação.

Vendedora: - Se fosse só o lar eu venderia, mas você quer muito e tudo pronto, assim é demais, você não quer ter nem tra

balho nem sofrimento.

Diretor: - Gostaria de comprar algo em nome do Paulo. Posso, Paulo?

Paulo: - Pode.

Diretor: - Quero comprar desenvoltura, quero poder me sentir à vontade perto de muitas pessoas quando estão juntas, (Ego quero ter coragem de dizer o que penso na hora que me auxiliar) parecer conveniente.

Ofereço em troca coragem para tentar, esperança em conseguir.

Vendedora (Jane): - Vendido.

Marcos: - Quero comprar inteligência para corrigir as coisas erradas do mundo, como descobrir a cura do câncer.

Berta: - Você quer é ser estrela.

Vendedora: - Não me peça isto, estude e conseguirá por si só.

AVALIAÇÃO:

Marta: - Quase não compraram na minha loja, será que ninguém deseja coisas materiais?

Glória: - Estas vendedoras estão muito exigentes. Não me venderam nada.

Berta: - Pudera, você só queria ficar numa boa sem se esforçar.

Bruno: - Esperem! Paulo, você concordou com a compra que o diretor fez em seu nome?

Paulo: - Não sei, acho que gosto de viver assim calado, afastado, eu fui educado assim, não sinto grandes motivações em participar.

O diretor propõe uma cena em que um dos participantes faria o papel de um professor, de sua escolha e que só seria identificado pelo grupo, a partir da descrição que o voluntário fizesse

se dele, já assumindo o seu papel. Esta personagem se assentaria numa cadeira no centro da sala, e seria entrevistada pelos outros participantes, que poderiam, durante a dramatização, usar o duplo e a inversão de papéis. O ator que estivesse assumindo o papel do professor deveria responder às perguntas que lhe fossem feitas, como supõe que o professor em questão responderia.

Jane se oferece para fazer o papel do professor.

Prof.: - Eu me acho o maioral. Tenho poder de dominar a massa. Quero que todos pensem em mim, ser o centro de tudo. Sou bonito, ando bem vestido e sou muito inteligente, ninguém é melhor do que eu.

Jane é interrompida por risos dos participantes, que afirmam já terem reconhecido o professor representado. Inicia-se a entrevista.

Bruno: - Você não tem medo de ser atropelado por um carro?

Prof.: - No fundo eu tenho medo, já pensei muito nisto.

Vânia: - Já pensou que um dia vai morrer e tudo isto vai acabar?

Prof.: - É, isto pode acontecer, mas o que eu quero é que depois, ainda, todos pensem em mim.

Eva: - Às vezes me parece que o que você tem é complexo de pobreza. Estou certa?

Prof.: - Eu não suporto gente pobre, para mim o único pobre suportável é o paciente. Aluno pobre, Deus me livre, não gosto de misturas!

Berta: - Você se dá conta de quanto é antipático e agressivo para com os alunos?

Prof.: - Não sei e nem estou interessado em saber. Estou me lixando para vocês.

Marcos: - Você se julga muito inteligente?

Prof.: - Eu sempre brilho por onde ando, ninguém é mais radian-

te que eu. Vocês têm é inveja de mim.

Berta: - Inveja de você não, só queria o seu brochinho de brilhante, o resto não me interessa.

Regina: - Você não gosta dos alunos porque eles são pobres. Você é muito orgulhoso.

Professor: - É lógico. Você acha que eu vou me misturar com gente da zona Norte?

Paulo: - Puxa vida! Se ele pensa assim, como me tratará quando souber que sou de Belford Roxo?

Professor: - Vocês só estão falando isto e me acusando, porque têm inveja de mim.

AVALIAÇÃO:

Bruno: - Não me senti bem. O que disse aqui tinha vontade de dizer é para ele. Será que ele não sente isto que nós sentimos? Será que não vê em nossos rostos o que pensamos e sentimos por ele?

Vânia: - Eu jamais tive coragem de dizer isto para ele. Penso que está se lixando para nós.

Regina: - Não tive coragem de dizer-lhe pessoalmente, mas gostei de falar aqui.

Jane: - Se ele se sentasse como nesta cena e se defendesse normalmente, seria muito bom. Realmente é duro ficar frente a muitos acusadores. No seu papel, eu me senti mal.

Berta: - Temos que respeitar as diferenças individuais. O que fazemos é compará-lo com outros professores, que nos tratam muito bem, mas ele não é assim.

Eva: - Não sinto tanto horror por ele, mas ele é realmente muito agressivo.

Marta: - O maior problema é que não temos o direito de nos de-

fender.

Glória: - Não sinto coisa alguma em relação a ele.

Paulo: - Eu também não tenho medo dele, me é indiferente.

Marcos: - Acho que ele não tem segurança nenhuma. Está sempre querendo montar em alguém para se proteger.

ÚLTIMO ENCONTRO

O último encontro desta experiência iniciou-se com o diretor relacionando os assuntos dramatizados pelo grupo durante a experiência, e perguntando aos participantes se estes gostariam de voltar a falar sobre tais assuntos. Diante da negativa do grupo, o diretor perguntou se haveria um novo tema sobre o qual gostariam de dramatizar ou discutir.

Marta: - Acho que é muito difícil escolher um tema, porque temos muitos ainda, sobre os quais gostaríamos de falar.

Vânia: - Os mais graves já foram trabalhados, por isto não conseguimos escolher um entre os que restaram.

O diretor pergunta, então, aos participantes, se estes notaram alguma modificação no relacionamento do grupo.

Eva: - As modificações só ocorreram entre nós, neste pequeno grupo.

Marta: - É mesmo, a nossa turma é muito dividida. Só se fosse feito o trabalho com todo o grupo.

Jane: - Para mim, acho que mesmo no grupo maior houve uma pequena mudança.

Vânia: - É ajudou sim. Apareceu uma outra "Maria" (referia-se a um atrito vivido com o grupo maior), mas nós não demos bola.

Glória: - Com o professor x, nosso último contato foi através de uma prova, então não conseguimos perceber como nos

sentimos perto dele.

Bruno: - A última vez que ele me viu no estágio, junto com Raul, disse-nos que estávamos despenteados e sujos. Mas acho que ele queria dizer isto só para mim.

Paulo: - Tenho pensado muito neste assunto, mas a coisa continua a mesma para mim.

O diretor solicita que os participantes façam uma avaliação de como se sentiram no grupo e como viram a experiência como um todo.

Marcos: - É difícil começar... Paulo, comece agora você sempre é o último a falar.

Paulo: - Para mim não mudou nada, tudo está como antes. Em relação ao professor x, também continua a mesma coisa. Eu nunca tive problemas com a turma ou com este profes-sor.

Vânia: - Nem em relação ao conhecimento dos colegas?

Paulo: - Não.

Eva: - Não se sentiu mais próximo?

Paulo: - Para mim continua a mesma coisa.

Glória: - Ah! que homem empacado!

Marcos: - É por isso que pedi a opinião dele.

Paulo: - Acho que sou assim porque sempre me omiti.

Marta: - Você não sente falta de participar?

Eva: - Então para ele está tudo ótimo.

Jane: - Eu não concordo com Paulo. É lógico que muita coisa mudou. Você conheceu a gente.

Berta: - Eu estou me amarrando no Marcos, e antes não o suportava.

Regina: - A gente agora está bem melhor.

Marta: - No estágio está tão legal, aconchegante.

- Glória:* - Não é possível que você não tenha conhecido outras características dos colegas!
- Bruno:* - Você está achando que é obrigatório ter gostado da experiência, Glória?
- Glória:* - Não, mas não acredito que ele não tenha percebido mais coisas sobre nós.
- Paulo:* - É claro que captei.
- Diretor:* - Talvez Paulo esteja sentindo vontade de se aproximar ainda mais dos colegas, que a aproximação ocorrida não foi suficiente.
- Eva:* - Já tentamos, mas não conseguimos. Você gostaria que a gente se aproximasse mais de você?
- Paulo:* - ???
- Eva:* - Acho que você não está querendo aproximação.
- Regina:* - Não acho que seja isto. Não o atingimos como desejávamos, mas um dia chegaremos lá.
- Jane:* - Terminada esta experiência, vamos ficar cada vez mais afastados se não resolvermos isso agora. Por isto é preciso tentar já.
- Diretor:* - Será que Paulo não tem o direito de não ter gostado?
- Vânia:* - Nós nos sentimos tão bem com a experiência, que quando ouvimos o que ele disse, não gostamos.
- Eva:* - Eu acho que você precisa dizer se quer ou não se aproximar.
- Paulo:* - Eu fui sempre criado assim, afastado, sozinho.
- Marcos:* - Isto é dele mesmo, desde pequeno.

O diretor interrompe a discussão e propõe que cada participante diga para o seu colega do lado esquerdo, como o vê hoje. A seguir, após todos terem falado, que se virem para o colega da direita, repetindo o mesmo exercício, ou seja, dizendo também

a ele como o está percebendo hoje.

Berta para Vânia: - A primeira imagem que eu tive de você foi negativa, mas agora que eu te conheço melhor, muita coisa mudou. Já não te acho mais antipática.

O exercício é interrompido quando três participantes voltam a discutir sobre as reações de Paulo, frente a experiência:

Marcos: - A idade dele talvez não o faça sentir esta necessidade de aproximação.

Eva: - Não acho que ele seja auto-suficiente, talvez ele tenha até mais problemas do que nós.

Berta: - Parece que estamos querendo que ele se amolde a nós.

Glória: - A finalidade do grupo é a de todos se doarem e permitir maior aproximação, e ele não quer ajudar.

Paulo: - Não estou menosprezando ninguém, é que é difícil para mim participar mais intensamente.

O diretor pede ao grupo que volte ao exercício iniciado.

Vânia para Jane: - Eu te sinto hoje como sempre senti: uma colegona.

Jane para Regina: - Eu sempre tive um bom relacionamento com você.

Hoje, particularmente, estou te achando muito bonita.

Regina para Paulo: - Apesar de tudo que você disse eu te sinto mais próximo, embora ainda haja uma grande distância entre você e o grupo. Eu gostaria que houvesse maior aproximação.

Paulo para Glória: - Não sei o que te dizer, que você é uma garota legal, inteligente. Não sei o que falar, sempre fui assim.

Glória para Bruno: - Esta experiência contribuiu para eu te admirar ainda mais. Você é um cara legal, maravilhoso, com panheiro, colega, amigo.

Bruno para Marcos: - Não mudou muito o que eu sinto por você. Acho que você está refletindo mais agora, antes de falar. Gosto de você, tenho facilidade de diálogo contigo, quase nunca temos atritos.

Marcos para Eva: - Eu sempre te vi como uma líder no grupo, com autoridade perante os colegas. Acho que talvez seja o seu jeito, mas às vezes parece que está impondo. Mas é o seu jeito mesmo.

Eva para Marta: - Sempre gostei de você e agora com esta experiência cada vez mais eu sinto isto.

Marta para Berta: - Você continua hoje para mim, como sempre, aquela boa amiga que sabe ouvir e sempre pronta a ajudar.

Berta para Marta: - É uma ótima amiga, que sabe respeitar a opinião das pessoas e ajudar a quem lhe pede ajuda.

Marta para Eva: - Sempre fui sua amiga e continuo cada dia mais te admirando. Você é uma pessoa muito legal.

Eva para Marcos: - Gosto de você. Você falava muita besteira, mas vejo que é uma pessoa legal, que procura ajudar as pessoas. Agora estou te respeitando mais. Você assumiu mais a turma, todos perceberam que mudou. Hoje eu te vejo como um bom amigo.

Marcos para Bruno: - Você é um colega como todos os outros, mas quer sempre as coisas muito certinhas para você, embora faça o mesmo com os outros. É uma boa pessoa, mas não faz o que promete, não respeita os compromissos.

Bruno para Glória: - Você é uma pessoa muito legal, mas eu te achei meio agressiva hoje em relação ao Paulo. Nosso relacionamento é muito bom, mas não muito profundo.

Glória para Paulo: - Eu gosto de você, mas gostaria que partici-

passa mais.

Paulo para Regina: - Gosto dela como de todas. Não tenho muito o que falar.

Regina para Jane: - Sempre gostei de Jane, porque é uma boa amiga. Você me transmite segurança, sinto que preciso muito mais de você do que você de mim e que você gosta de mim.

Jane para Vânia: - Hoje estou te vendo melhor ainda do que sempre vi. Você é uma boa amiga, companheira. No início a gente não gosta de você, mas depois que te conhece a gente te adora.

Vânia para Berta: - Antes desta experiência, eu tinha algumas antipatias por você, agora está muito mais fácil e eu tenho muito mais motivos para me aproximar de você.

O diretor solicita dos participantes que estes façam uma avaliação do exercício, dizendo como se sentiram falando aos colegas e ouvindo-os falarem de si.

Vânia: - Eu já esperava ouvir o que ouvi. Todos que eu conheço falam isto sobre mim. Às vezes eu me chocava com as críticas, mas agora já entendi e aceito melhor estas coisas. Sempre procuro ser eu mesma e com o tempo as pessoas passam a me compreender.

Glória: - O Bruno disse que eu tive uma atitude egoísta quando falei do Paulo. Eu sou mesmo egoísta, mas esta atitude que eu tomei em relação a ele foi com a intenção de ajudar, talvez eu não tenha sido compreendida.

Bruno: - Eu sempre acho que todos gostam de mim e já esperava ouvir tudo o que foi dito. Reconheço que cobro mais do que ofereço, como disse Marcos, mas eu penso nisto e pretendo me corrigir.

Marcos: - Em relação ao grupo eu me senti vitorioso de ter ouvido o que ouvi. Agradeço o apoio que me deram e estão dando. Espero que continuem assim. Vocês me deram o melhor. Já esperava ouvir de Bruno e Eva o que disseram. Foi válido.

Regina: - Acho que tudo o que foi dito sobre mim estava correto. Já estive mais perto de Paulo do que de vocês. Tenho melhorado o meu relacionamento com as pessoas desde que percebi que tenho de participar e me doar. Agora, eu me sinto mais aberta e tranqüila. Sinto o Paulo como um colega meu mais próximo que os outros rapazes.

Jane: - Uma necessidade que surgiu dentro de mim agora é de fazer, com todos, o que fizemos aqui agora: dizer o que eu sinto. Por isto foi muito positivo.

Eva: - Não tenho grandes antipatias. Sempre me dou bem com todos.

Berta: - Já disse o que queria e ouvi o que esperava.

Paulo: - Vocês estão pensando que eu sou alienado, mas isto não é verdade.

Marta: - Eu não penso assim, acho só que você tem dificuldades de se comunicar.

Paulo: - Eu gosto de todos. É só o meu jeito.

Diretor: - Alguém gostaria de dizer mais alguma coisa?

- ???

Estamos no fim de nossa experiência e eu devo dizer que todos trabalharam muito bem, deram tudo de si para que a experiência fosse um sucesso, Estou muito agradecida pela confiança que depositaram em mim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARLOW, D.J. & BRUHN, J.G. Role plays on television - a new teaching technique. Nursing Outlook, 21 (4): 242-4, 1973.
2. BARROS, M.F.R. Médico-enfermeira, interrelação profissional. Rev. Bras. Enf., 3/4: 215-9, 1971,
3. BARRERA, C. et. alii. Apuntes y reflexiones para una teoria general. In: BOUQUET, C.M. et. alii. Psicodrama psicoanalítico en grupos. Buenos Aires, Kargieman, 1975. p. 183-212.
4. BLEGER, J. Temas de psicologia - entrevistas y grupos. Buenos Aires, Nueva Visión, 1977. 118 p.
5. BORBA FILHO, E. História do teatro. Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1950. 446 p.
6. BOUQUET, M.C. Psicodrama programado. In: - Psicodrama psicoanalítico en grupos. Buenos Aires, Kargieman, 1975. p. 84-94.
7. _____. Sociodrama de consulta. In: - Psicodrama psicoanalítico en grupos. Buenos Aires, Kargieman, 1975, p. 95-112.
8. BOUQUET, M.C. et alii. Algunos conceptos sobre coterapia. In:- Psicodrama psicoanalítico en grupos. Buenos Aires, Kargieman, 1975. p. 151-66.
9. CARVALHO, A.C. Considerações sobre o ensino de campo na enfermagem. Rev. Bras. Enf., 25(5): 149-53, 1972.
10. _____. A docente de enfermagem como modelo a ser imitado. Rev. Bras. Enf., 26(6): 527-31, 1973.
11. GODEJOHN, C.J. et alii. Effect of simulation gaming on attitudes toward mental illness. Nursing Research, 24(5): 367-70, 1975.
12. FERRY, G. A prática do trabalho em grupo. Porto Alegre, globo, 1974. 254 p.
13. FREIRE, P. El compromiso del profesional con la sociedad. In:- Educación y cambio. Buenos Aires, Busqueda, 1976. p. 7-20.

14. KALISCH, B.J. Experiment in development of empathy in nursing students. Nursing Research, 20(3): 202-11, 1971.
15. _____. Summer theatre - another way to learn. Nursing Outlook, 22(1): 31-4, 1974.
16. LEITE, A.A. As emoções do estudante de enfermagem face ao seu ajustamento profissional. Rev. Bras. Enf., 24(6): 165-73, 1971.
17. LOWE, J. Games and simulation in nursing education. Nursing Mirror, 141(23): 68-9, 1975.
18. MACKENZIE, N. e outros. Arte de ensinar e arte de aprender. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1974. 291 p.
19. MANZOLLI, M.C. & MONTELEONE, Z. Caracterização do estudante de enfermagem. Enf. Novas Dimens., 3(4): 206-14, 1977.
20. MANZOLLI, M.C. & OLIVEIRA, Z.M.R. Contribuição da psicologia no desenvolvimento do papel do enfermeiro em cursos de graduação. Enf. Novas Dimens., 3(6): 323-6, 1977.
21. MEIRELLES, A.S. & CARVALHO, E.N. Enfermagem esta desconhecida. Rev. Bras. Enf., 30(2): 185-201, 1977.
22. MOCCIO, F. Algunas observaciones en la tecnica del role-playing. In: BOUQUET, C.M. et alii. Psicodrama psicoanalitico en grupos. Buenos Aires, Kargieman, 1975. p. 135-50.
23. MORENO, J.L. Psicodrama. São Paulo, Cultrix, 1975. 492 p.
24. NEVES, E.T. Treinamento de auxiliar psiquiátrico. Enf. Novas Dimens., 2(4): 215-8, 1976.
25. NORONHA, E. Evolução do teatro. Lisboa, Clássica, 1909. 488 p.
26. NOVAES, M.H. Adaptação escolar. Rio de Janeiro, Vozes, 1975. 115 p.
27. PAVLOVSKY, E. Sobre tecnicas grupales en la adolescência. In: BOUQUET, C.M. et alii. Psicodrama psicoanalitico en grupos, Buenos Aires, Kargieman, 1975. p. 25-36.

28. _____. Una sesión de psicodrama con adolescentes. In: BOUQUET, C.M. et alii. Psicodrama psicoanalítico en grupos, Buenos Aires, Kargieman, 1975. p. 51-8.
29. PUNDIK, J. & PUNDIK, M.A.D. Introducción al psicodrama y a las nuevas experiencias grupales. Buenos Aires, Paidós, 1974. 179 p.
30. REVERBEL, O. Teatro na sala de aula. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1978. 161 p.
31. ROGERS, C.R. Grupos de Encontro. São Paulo, Martins Fontes, 1970. 165 p.
32. SANTOS, C.F. & D'ANDREA, F.F. Conflitos de papéis em estudantes de enfermagem: evidências numa experiência sociodramática, Rev. Psiquiátrica dinâmica, 4: 85-8, 1964.
33. SCHUTZENBERGER, A.A. O teatro da vida: psicodrama. São Paulo, Duas Cidades, 1970, 236 p.
34. SCHUTZENBERGER, A.A. & Weil, P. Psicodrama triádico. Belo Horizonte, interlivros, 1977. 159 p.
35. SHARAM, S. & SHARAM, Y. Role playing. In: - Small group teaching. New Jersey, Educational Technology Publications, 1976. p. 159-86.
36. SHEAFOR, M.M. The case method at work. Nursing Outlook, 18(9): 40-1, 1970.